



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Juliane Dias Castelo Branco

FORA DOS PADRÕES

Estética negra e identidade como proposta decolonial no ensino de história.

Ananindeua-PA

2024

Juliane Dias Castelo Branco

FORA DOS PADRÕES

Estética negra e identidade como proposta decolonial no ensino de história.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Professor Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva

Coorientadora: Professora Dra. Eliane Cristina Soares Charlet.

Ananindeua-PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- C348f Castelo Branco, Juliene Dias.
Fora dos padrões: Estética negra e identidade como proposta decolonial no ensino de história. / Juliene Dias Castelo Branco. — 2024.
80 f.
- Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Coorientação: Prof^a. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2024.
1. Ensino de história. 2. Estética negra. 3. Decolonialidade.
4. Educação antirracista . I. Título.

CDD 371.3

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA DISCENTE

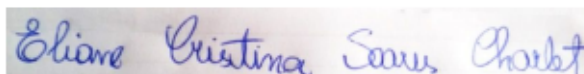
JULIENE DIAS CASTELO BRANCO

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Wesley Garcia, e a coorientadora Prof^ª. Dr^ª Eliane Cristina Soares Charlet e constituída pelas examinadoras Prof. Dr. Elane Cristina Rodrigues Gomes e Profa. Dra. Siméia de Nazaré Lopes, reuniu-se no dia 28 de junho de 2024, às 09:30 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação da mestranda Juliene Dias Castelo Branco, intitulada: " FORA DOS PADRÕES: ESTÉTICA NEGRA E IDENTIDADE COMO PROPOSTA DECOLONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA ". Após explanação da mestranda e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que deve ser inserida a argumentação teorica sobre decolonialidade, que devem ser inseridas as imagens e falas dos interlocutores da pesquisa. A dissertação atendeu a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE** pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Documento assinado digitalmente
gov.br WESLEY GARCIA RIBEIRO SILVA
Data: 30/07/2024 02:47:36 -0300
Verifique em <https://validar.ic.gov.br>


Prof. Dr. Wesley Garcia

Orientador

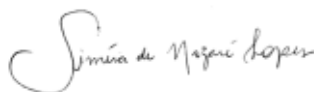


Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet

Coorientadora



Profa. Dra. Elane Cristina Rodrigues Gomes
Membro Externo da Banca / EAUFPA / UFPA



Profa. Dra. Siméia de Nazaré Lopes
Membro da Banca / PPGEH/UFPA

AGRADECIMENTOS

Quando ingressei no mestrado profissional de história (PROFHISTÓRIA), foi um sonho realizado, e desde o início sabia que não seria fácil concluir, mas nunca imaginei que as dificuldades seriam tantas, três mudanças de cidade, duas gestações, uma pandemia, desemprego, ansiedade, foram tantas situações que defender minha dissertação em alguns momentos parecia impossível. Porém, hoje esse momento se concretiza, e para que ele se tornasse real, tive a participação e auxílio de muitos, que não poderia deixar de agradecer nesse momento.

Primeiramente gostaria de agradecer minha coorientadora Professora Dra. Eliane Cristina Soares Charlet, por não me permitir desistir, por todas as contribuições intelectuais, e mais do que isso, por me tranquilizar e incentivar, por ser sempre tão humana e gentil, jamais teria conseguido concluir esse trabalho sem ela. Ao meu orientador professor Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva, por aceitar esse desafio, de me orientar com o trabalho já em andamento e ao PROFHISTÓRIA, na figura do professor Dr. Adilson Júnior Ishihara Brito, por compreender os obstáculos gerados ao longo do mestrado e me proporcionar a oportunidade de permanência no mesmo.

A minha família, meus pais, Joaquim Pereira da Silva e Maria Joana Pinheiro Dias, por sempre me incentivarem a estudar e sempre fazerem o possível e o impossível para que pudéssemos (eu e minhas irmãs) nos dedicássemos ao estudos, apesar das condições adversas, as minhas irmãs, Juliana Dias da Silva, que não me deixou desistir me incentivou, “puxou minha orelha” quando necessário e contribuiu intelectualmente com o meu trabalho e Juliely Dias da Silva, meu maior exemplo de dedicação e persistência, que sempre se preocupa comigo e tem minhas conquistas, como se fossem suas próprias. Amo vocês.

Não poderia deixar de agradecer ao meu amado esposo, Carlidio Guimarães Castelo Branco, que assumiu muitas das minhas responsabilidades para que eu pudesse ter o mínimo de tempo disponível para me dedicar a minha dissertação, por cuidar de mim e de nossos filhos. Aos meus queridos filhos, Cristóvão e Estêvão Dias Castelo Branco, por serem minha força motora, sem eles nada disso faria sentido, por eles, tento por meio desse trabalho contribuir para uma sociedade mais igualitária e justa.

Gostaria de agradecer também, a minhas amigas e pares do ensino de história desde a especialização, Ana Vieira de Oliveira e Marilin Genezareth de Oliveira Farias, por me auxiliarem, me incentivarem e serem ouvido as minhas dificuldades e percalços durante o desenvolvimento do meu trabalho, pelas indicações e contribuições intelectuais.

Aos meus alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Bosco, por participarem e contribuírem para o desenvolvimento do meu trabalho, por se mostrarem disponíveis a participarem do projeto e abertos a novos olhares, dispostos a se tornarem pessoas melhores e contribuírem para uma sociedade mais justa e igualitária.

A Deus Pai, por me mostrar que nada é impossível e me dar forças para continuar, seguir em frente, independente das dificuldades e por ter colocado as pessoas certas em meu caminho.

Até que a filosofia
Que mantém uma raça superior
E outra inferior
Seja finalmente e permanentemente
Desacreditada e abandonada
Em todo lugar haverá guerra
Até que não existam
Cidadãos de primeira e segunda classe em qualquer nação
Até que a cor da pele de um homem
Não seja mais significativa do que a cor dos seus olhos
Eu digo que haverá guerra
(War – Bob Marley)

RESUMO

A proposta deste trabalho é oferecer novas possibilidades referentes ao ensino de história africana e afro-brasileira, por meio de projeto educacional, apresentando as formas de resistência africana a dominação europeia e ao racismo estrutural existente em nossa sociedade, propondo assim, uma educação decolonial. Tendo como foco, o processo de formação e aceitação de uma estética negra. Considerando e destacando a relevância de se trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula para uma maior aceitação, da mesma maneira que promover uma identificação racial e desenvolvimento escolar dos discentes, sobretudo, daqueles que reconhecem ou passam a reconhecer sua negritude. Como resultado do projeto educacional proposto, assim como, da dissertação, pretende-se desenvolver um vídeo documentário voltada para a estética negra, formulado e desenvolvido pelos próprios discentes que terá como pretensão enriquecer os debates sobre a resistência negra estampada em sua estética. Assim como, apresentar discursos objetivando contribuir com uma educação antirracista, exibindo possibilidades e elos para com o processo do ensino de história e as relações étnico raciais, da mesma maneira que, oferecer possibilidades de uma educação decolonial, segundo as proposições da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tal qual, as Leis de Diretrizes e Base da Educação (LDB), mais especificamente a lei 10.639/03, dinamizando e contribuindo para um ensino de história africano e afro-brasileiro.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História; Estética Negra; Decolonialidade; Educação Antirracista.

ABSTRACT

The purpose of this work is to offer new possibilities regarding the teaching of African and Afro-Brazilian history, through an educational project, presenting the forms of African resistance to European domination and the structural racism existing in our society, thus proposing a decolonial education . Focusing on the process of formation and acceptance of a black aesthetic. Considering and highlighting the relevance of working on ethnic-racial issues in the classroom for greater acceptance, as well as racial identification and academic development of students, especially those who recognize or begin to recognize their blackness. As a result of the proposed educational project, as well as the dissertation, it is intended to develop a documentary video focused on black aesthetics, formulated and developed by the students themselves, which will aim to enrich debates about black resistance stamped in their aesthetics. As well as, presenting speeches aiming to contribute to an anti-racist education, showing possibilities and links to the process of teaching history and ethnic-racial relations, in the same way as offering possibilities for a decolonial education, according to the propositions of the Common National Curricular Base (BNCC), as well as the Education Guidelines and Base Laws (LDB), more specifically law 10.639/03, boosting and contributing to the teaching of African and Afro-Brazilian history.

KEYWORDS: History Teaching; Black Aesthetics; Decoloniality; Anti-Racist Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 ESTÉTICA NEGRA: VIVÊNCIA DE UMA IDENTIDADE	11
1.1 Autoimagem: Uma experiência de resistência	12
1.2 Contextualizando processos de fuga dos padrões de beleza	20
1.3 Movimento Negro e empoderamento estético	23
1.4 Olhando para o espelho: A estética negra e a construção da identidade	29
2 ESTÉTICA NEGRA E O ENSINO DE HISTÓRIA	36
2.1 Ensino de história educação e diversidade.....	39
2.2 Educação decolonial: Um desafio docente.....	48
3 ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	55
3.1 Descrição do projeto.....	56
3.2 Feedack discente.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende desenvolver reflexões que possam problematizar a temática étnico-racial nas aulas de História. Para isso, é necessário que haja no âmbito de sua natureza científica, diálogos teóricos que são utilizados para propiciar tais debates, como nos propõem a lei 10.639/03, a qual tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Essa lei ofereceu avanços no que diz respeito às discussões em torno da diversidade na educação formal de crianças e adolescentes e da flexibilidade do currículo escolar, proporcionando novos questionamentos, referentes ao preconceito, discriminação e igualdade racial, fora e dentro de sala de aula.

Quando se trata de questões étnico-raciais, podemos perceber a relevância de tal temática para o ambiente escolar, assim como, para o ambiente social, visto que esse conteúdo escolar não surge em meio acadêmico, nem tão pouco nas próprias escolas, essa temática surge para atender uma necessidade da sociedade brasileira, por meio de reivindicações advindas do movimento negro, o qual, busca políticas públicas e ações afirmativas em prol da população negra. Graças a um intenso diálogo social, que expressava um impacto em relação ao programa de ações afirmativas em algumas universidades brasileiras, estas sugeriram conteúdos e valores diferentes à prática docente vigente, no que se refere à educação para a valorização da diversidade cultural. Foram feitas críticas ao ensino de história centrados nas narrativas etnocêntricas, que determinavam os conteúdos programáticos e suas formas de abordagem. Em 2003, como resposta às críticas feitas e apontadas pelo movimento negro, foi sancionada a lei 10.639/03.

A legislação modificou a LDB nos artigos 26-A e 79-B. O artigo 26-A, tornou obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais ou particulares, o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica, já o artigo 79-B inclui no calendário escolar brasileiro, o dia 20 de novembro como o dia nacional da consciência negra, hoje considerado feriado nacional. Apesar da promulgação da mesma, nota-se que, nem todas as escolas incluíram em sua matriz curricular essa temática, indicando assim uma educação reacionária (Krauss & Rosa, 2010).

Trazer para sala de aula essa temática, proporcionando um ensino decolonial, faz com que se torne relevante uma parte da história e da cultura que até então se encontrava na periferia dos currículos escolares, criando demandas de políticas públicas, fazendo com que o governo brasileiro investisse na formação de professores e em desenvolvimento de pesquisas para

atender essa demanda e inserindo em sua base nacional comum curricular (BNCC), como tema transversal. Não restrita a disciplina de história, mas inclusa a todas as disciplinas do ensino fundamental maior.

Desse modo, a finalidade deste trabalho é propor novas possibilidades ao ensino de história, dando ênfase ao continente africano e ao processo discriminatório sofrido por suas populações em nosso território, sobretudo por motivação estética, por meio de projetos educacionais, aplicados aos discentes do primeiro e terceiro ano do ensino médio. Destacando, junto aos conteúdos que tratam do processo de dominação e exploração africana dentro e fora do território brasileiro, não apenas as mazelas e sofrimentos que o povo africano sofreu desde a sua saída do seu continente, até sua vivência nas Américas. A intenção aqui é ressaltar as manifestações de resistência a esse processo, mostrando assim, que as populações africanas não foram esse povo dócil, apático ou mesmo conformados às violências a qual sofriam e sofrem, para isso, pretende-se apresentar as formas de resistência ao processo de dominação, como as fugas, sincretismo religioso, manutenção de parte de sua cultura, entre outros, assim como, as formas de resistência ao processo de racismo contemporâneo, sobre tudo, por meio da valorização da estética negra, gerando assim, uma positivação da imagem dos negros e negras.

Para isso, foi desenvolvida junto aos discentes, do primeiro e terceiro ano da Escola Estadual de ensino médio e fundamental Dom Bosco, localizada no município de Salinópolis, Pará, atividades lúdicas e multidisciplinares acerca da cultura africana e afro-brasileira, assim como, os mesmos foram orientados a desenvolverem pesquisas para melhor esclarecimento acerca do projeto proposto, afim de despertar nos mesmos um maior interesse e conhecimento sobre essa parte da nossa história tão omitida e/ou esquecida.

A formação da consciência nacional apresenta aspectos diversos acerca de sua composição, a própria historiografia brasileira nos remete a um entendimento nacional unilateral, pois, em sua própria formação nos é apresentando uma valorização dos aspectos colonialistas. Dessa forma, se mostra necessário discutir historiograficamente vertentes voltadas para as questões étnico raciais.

Desse modo, pretendesse com essa pesquisa destacar a relevância de se abordar as questões étnico-raciais em sala de aula, apresentando os resultados e as mudanças ocorridas nos discentes por meio das pesquisas e participação no projeto, assim como, na produção do produto proposto, o vídeo documentário, e assim ampliar os conhecimentos em relação as propostas de aula referentes à temática africana e afro-brasileira, refletindo acerca de sua importância para a vida escolar e social dos discentes, pois, acredita-se que por meio do conhecimento e

valorização da cultura negra, as ações discriminatórias tentem a perder força, proporcionando uma ressignificação da figura de negros e negras em nossa sociedade.

Perceber quão fundamental é o debate sobre relações étnico racial em sala de aula, é o primeiro passo para que as mudanças necessárias referentes a nossa sociedade possam acontecer, um dos primeiros grupos sociais em que o ser humano convive é a escola, entendemos assim, a importância e a influência da construção social escolar na vida de uma pessoa e a relevância dos progressos proporcionados pela lei 10.639/03, juntamente com o que ainda temos a progredir. Esse projeto se dispõe a ser um instrumento facilitador de debates, de formação de consciências e desenvolvimento social, a partir do momento que pretende proporcionar uma maior reflexão sobre as questões raciais em nossa sociedade, temática a qual ainda é muito cara a mesma.

Para tal, em nosso primeiro capítulo, procuraremos apresenta a estética negra como instrumento de reconhecimento identitário, assim como, de resistência imagética, por meio de Cassia Coutinho e Petrônio Domingues. Para isso, vamos analisar o conceito de estética negra e contextualizar o surgimento do mesmo, assim como, o enfrentamento aos padrões estéticos impostos, utilizando o discurso de Bianca Santana, tentando conduzir assim a uma autoaceitação da imagem e da identidade negra, empregando Frantz Fanon e Nilma Lino Gomes. Faremos isso vinculados as narrativas pessoais, acadêmicas e profissionais, esclarecendo assim, os caminhos e acontecimentos que nos conduziram ao desejo de desenvolver o tema. Procuraremos analisar também nesse capítulo, a construção da autoimagem e como essa contribui e/ou influência na vida das pessoas e no processo de enfrentamento ao preconceito e discriminação da cultura e a própria estética negra. Aqui vamos exibir os movimentos antecessores, que imprimiram na sociedade norte americana novas expressões estéticas, e reverberou para outras sociedades, inclusive a nossa, e assim, se abster dos padrões impostos pelas sociedades ditas de primeiro mundo e civilizações tidas como superiores. E para fechar o primeiro capítulo, vamos debater o vínculo entre a estética negra e o reconhecimento identitário da negritude do autorreconhecimento étnico e sua relevância social.

No segundo capítulo dessa dissertação, vamos estabelecer a relação entre a estética negra e o processo de ensino aprendizagem de história africana e afro-brasileira, a relevância de se pensar uma metodologia educacional voltado para a diversidade e os impulsos que a conscientização histórica promove quanto a negritude. Na expansão do segundo capítulo,

explanaremos a diversidade como protagonista no processo educacional sendo alicerçada no ensino e aprendizagem de história, destacando desse modo, a relevância de tal disciplina para a inserção de todos em nossa sociedade. Construiremos um debate sobre a consciência histórica e negritude, seus conceitos e relevâncias para o desenvolvimento escolar e social dos discentes a partir do reconhecimento e posituação da sua estética negra, estabeleceremos e apresentaremos as dificuldades em se aplicar uma educação decolonial em nosso sistema educacional atual, apesar das preposições legais, assim como, expor os anseios e percalços encontradas pelos docentes para realizar um processo educacional desejável.

No terceiro e último capítulo da dissertação, vamos propor e apresentar uma estratégia de enfrentamento para uma educação antirracista, com uma possibilidade de se trabalhar as questões étnico raciais em sala de aula de maneira lúdica e implementar debates voltados para as questões identitárias e despertar uma consciência histórica, a fim de proporcionar uma nova ótica acerca da estética negra e identificação étnica. Vamos expor o projeto educacional que norteia essa dissertação passo a passo, os materiais necessários, os procedimentos a serem executados, os debates a serem travados e o produto que se pretende desenvolver a partir das oficinas propostas, mas também, apresentar o vídeo documentário e como ele pode ser utilizado em uma aula antirracista.

Por fim, vamos utilizar o depoimento dos discentes que participaram do projeto, entrevistas e da produção do vídeo documentário, que será colhido por meio de formulário aberto, para ter uma percepção da relevância do projeto para os mesmos, tentando apreender seus anseios e emoções acerca da temática trabalhada e principalmente suas mudanças e permanência a partir desse processo de ensino aprendizagem. Por meio deste, almeja-se contribuir para uma educação decolonial e antirracista.

ESTÉTICA NEGRA: VIVÊNCIA DE UMA IDENTIDADE

Cresci ouvindo dizer que meu cabelo é ruim e feio, que deveria penteá-lo, alisá-lo, pintá-lo, sei que não fui a única, não sou e nem serei a última criança que ao acordar o primeiro pensamento é: “Tenho que prender meus cabelos”, para não assustar ninguém, para não ouvir comentários maldosos, para não me chatear logo pela manhã. Segundo FREITAS (2018), os cabelos crespos e cacheados, são o principal alvo de preconceitos, conseqüentemente, o principal elemento corporal que dificulta a auto aceitação negra e o primeiro a sofrer alterações estéticas por parte de negros e negras, porém, isso não quer dizer que seja o único elemento da estética negra vetor de preconceitos ou comentários negativos; já ouvi falas, sobre meu nariz arredondado, meus olhos pequenos, meus quadris largos, meus lábios grossos demais, parece que nada agrada em sua aparência, e para tentar “agradar” passei por procedimentos químicos, agressões e mutilações.

O trabalho ora apresentado, não tem a intenção de debater traumas ou analisar histórias privadas, porém, acredito ser relevante entendermos os caminhos que nos trouxeram até aqui, as vivências que nos atraíram para esse objeto e exibir teorias relevantes para o desenvolvimento do produto educacional que se pretende com a presente dissertação e contextualizar os processos históricos que nos conduzem a essa temática. Perceber o reconhecimento identitário por meio da positivação e aceitação da estética negra e as resistências existentes por trás de uma afirmação estética (Souza, 1990), que vai muito além do que deixar seu cabelo natural ou aceitar sua cor, sua cultura, sua imagem, e sim, uma luta contra o que nos é imposto subjetivamente, contra os padrões considerados belo, certo, aceito, luta essa, que não se inicia contemporaneamente, mas que vem de séculos e que se busca ainda hoje, uma anuência perante a sociedade (Laurent, 2013). Aqui, poderemos embasar nossos debates, pensamentos, teorias e vivências que terão como resultado nosso produto educacional proposto.

Para tanto, trataremos por meio desse capítulo, relatos do processo histórico e acadêmico que cerca e resultam esse trabalho, a contextualização histórica mundial em relação a afirmação e aceitação da estética negra, assim como, os processos de fuga dos padrões de beleza europeu, e as teias que ligam a positivação da estética negra e o reconhecimento identitário da negritude e o papel da escola nesse caminhar identitário e social.

1.1 Autoimagem: Uma experiência de resistência.

Durante o processo escravocrata brasileiro, a imagem que se passava do negro escravizado era muito importante para a manutenção da atividade escravagista, primeiro preocupou-se em animaliza-los, transmitindo a imagem de seres selvagens sem consciência ou raciocínio, sem sentimentos ou dignos de pena, por isso, muitas vezes se passava uma imagem de seres perigosos, pois, não poderiam ser vistos como seres humanos, ou ainda eram mostrados em quanto objetos, coisas, acostumados e feitos para exercer aquela atividade e nada mais, se não estivessem ali, estariam em outro lugar exercendo sua função nata, o trabalho braçal. Muitas narrativas ainda, usam a justificativa de que na sociedade africana muitos já eram escravos, sem se preocupar com as enormes diferenças existentes entre os processos de escravidão existentes no Brasil e o existente no continente africano, generalizando as sociedades africanas, como se a escravidão fizesse parte daquele ser, era o destino, a vocação do negro ser escravo, por isso, ali estava e se entendia assim, cativo, escravo feito para o trabalho.

Contemporaneamente nos bancos escolares, novelas, filmes e outras mídias também se mostra de extrema relevância a imagem que se passa desse negro, algumas ainda mantem essas imagens citadas acima, acrescentando a imagem dos “coitadinhos”, ou mesmo, de mártires, por aceitarem e se conformarem com essa situação. Essas imagens limitadas ou mesmo distorcidas acerca dos povos escravizados, se dá muitas vezes por se trabalhar de forma restrita, ou não se trabalhar os povos africanos em sala de aula, muitas vezes a primeira vez que se ouve fala em África ou em seu povo, é quando conhecemos a civilização Egípcia, o que logo de cara já causa um estranhamento por parte dos discentes, que não conseguem conceber povos tão evoluídos e inteligentes e “brancos” como povos africanos, desse momento, só voltam a estudar povos africanos quando esses estão vindo ao Brasil como mão de obra escravizada.

Conclui minha educação básica em 2005, sem ter ouvido falar em história da África, e ao entrar na faculdade de história, tive uma única disciplina com essa temática, a qual sempre fui muito curiosa, principalmente devido minhas origens negras. Em minha primeira pós graduação em 2011, pelo Instituto Federal do Pará, tive meu primeiro contato com a lei 10.639/03, e em meu trabalho de conclusão, de tal especialização, quis investigar quantas mais pessoas conheciam essa lei e como trabalhavam com ela, para meu espanto, em todas as escolas que pesquisei, sendo que me restringi a um bairro da cidade a qual morava, não encontrei um único professor que trabalhasse história africana e afro brasileira em sala de aula, muitos nem sabiam da existência de tal lei.

O papel do professor no processo de disseminação do conhecimento é indispensável, mas sabemos que nem sempre esse papel se dá de forma satisfatória, por diversos motivos, que discutiremos em sessões mais à frente. Aquelos relatos me trouxeram uma grande angústia e preocupação, pois, assim como eu, muitas crianças não estariam tendo contato com uma parte tão importante de nossa história, para muitas crianças a África permanecia sendo apenas uma fonte de escravos ou de negros e negras prontos para serem escravizados. Falar sobre escravidão, não é falar sobre história da África, nossas crianças tem de conhecer um continente com todas as suas riquezas e culturas, suas belezas e cores, para terem acesso a parte de suas histórias e perceberem que seus ancestrais foram muito além de escravos, orgulhá-los de sua descendência, tirar os povos africanos dos navios negreiros, das senzalas, dos canaviais.

Em uma segunda pós-graduação, em 2017 pela Universidade Federal do Pará, ainda me encontrava incomodada com as ausências existentes acerca da história africana e afro-brasileira, e me ressoava a justificativa da maior parte dos professores para não trabalhar relações étnico raciais em sala de aula, sendo está, o fato de não saberem como realizar tal aula. Assim, para concluir tal especialização, procurei propor aulas oficinas, que tinham por objetivo dinamizar as aulas de história africana e afrobrasileira, tornando-as, mais interessantes, assim como, facilitando a inserção das mesmas ao processo didático.

Torna-se muito atraente as mudanças que ocorrem no modo de se ver a história africana e de seus descendentes, a partir do momento que se conhece a história, cultura e as vivências de um povo. A grande intenção aqui, assim como nos trabalhos anteriores não é modificar a história, mas sim, proporcionar uma nova ótica acerca das populações aqui escravizadas e conseqüentemente de seu povo descendente, gerando assim, uma positivação de sua história, imagem e cultura, trazendo orgulho e não pena, para aqueles que trazem em si, a resistência de um povo, e assim proporcionar uma autoestima em relação a sua estética, sua característica e cultura.

A ausência de contato e compreensão acerca da história e cultura africana, nos leva a uma supervalorização da cultura do outro. Apesar de alguns professores apresentarem curiosidade e anseio pela história e cultura africana, só se aprofundam nesses conhecimentos por uma necessidade educacional ou a partir de cursos suplementares, os quais, proporcionam maiores conhecimentos sobre tal continente, seu povo, cultura, religião e aparência, sim aparência. Apesar de muitos negros e negras terem plena consciência de suas raízes, e terem orgulho da mesma, as características físicas muitas vezes são um ponto de divergência, os

cabelos que dão muito trabalho para pentear e alinhar, que por qualquer motivo armam e assim se tornava uma vergonha, por essa razão, passam a maior parte do tempo presos e bem presos, e assim que têm oportunidade alguns se submetem a procedimentos estéticos e alisam os mesmos, e ganham a “liberdade” de quem pode andar com os cabelos soltos e alinhados em alguns minutos e não correr o risco de ficar com ele armado e receber olhares de reprovação. Petrônio Domingues (2005), retrata as modificações físicas a qual os negros e negras se submetem, logo após o período colonial, enquanto uma tentativa de não ser diferente, tentativa de ser inserido na sociedade:

Apesar do contato com as massas camponesas e culturas tradicionais africanas, aquela pequena-burguesia negra aspirava ter um nível de vida equivalente ao dos brancos. Para tanto incorporavam os hábitos, roupas, língua e arquitetura do colonizador. As negras em alguns casos alisavam os cabelos e buscavam clarear a pele. (Domingues, 2005, p.8)

Se livrar da estética negra era uma forma de tentar se inserir, no meio social branco, era uma forma de tentar não ser discriminado, se elevar socialmente, porém, cabelos lisos, vestidos bonitos e ternos bem cortados não faziam com que deixassem de serem negros e conseqüentemente de serem discriminados, serem considerados inferiores. E muitas vezes, segundo o mesmo autor, essas tentativas de embranquecimento, eram vistas como ridículas, para a população branca, aqueles escravos jamais deixariam de ser considerados inferiores, independentemente de suas roupas ou da tentativa de absorção da cultura branca. Como uma forma de reação a essa sociedade extremamente excludente, a qual independente dos esforços jamais fariam parte, a pequena burguesia negra inicia um processo de revalorização e posituação de sua cultura e identidade, passam a negar o embranquecimento (Domingues, 2005)

Para Achille Mbembe (2017), tal reconhecimento da cultura africana, só incidira a partir de uma reflexão crítica que gere uma descolonização mental da Europa, para o autor, “negro” e “raça” tem significado a mesma coisa para o imaginário das sociedades europeias, os conceitos de “negro” e “escravo” se diluem, passando assim ao negro o status de mercadoria, inferioridade e desumanização. Segundo o autor, está problemática está ligada a um recorte econômico, desse modo, não sendo possível separar a subjugação do negro da exploração capitalista. O racismo seria assim, legitimador do capitalismo e a ausência de diálogos sobre tal conjuntura, asseguraria o lugar de poder europeu (Mbembe, 2017).

Os povos aqui escravizados, procuravam diversas formas de resistir ao processo de escravidão, fugiam, violentavam seus “donos” e feitores, colocavam fogo nas plantações, quebravam seus materiais de trabalho, e chegavam muitas vezes a casos extremos como o

suicídio e abortos, entre outras situações não citadas aqui, porém, estranhamente, a imagem que se tem do negro escravizado, e de um ser pacífico e condizente com sua condição de escravo, dificilmente se atenta para as várias formas elaboradas por essa população como tentativa de se livrar da escravidão, não apenas a escravidão do corpo, mas também a escravidão da alma, por meio de instrumentos não violentos, de manutenção e valorização de suas culturas, saberes e religião. Como manutenção de cultos e festas religiosas, por meio do sincretismo religioso, histórias, lendas e contos perpetuados oralmente, hábitos e costumes mantidos apesar das repressões.

Hoje a população negra permanece resistindo, apesar de muitas de suas formas resistências serem minimizadas ou denominadas vitimismos, ou assim como em nossa história, ignorada, e uma das formas de resistência negra existente em nossa sociedade é o ato de valorização e posituação da estética negra, pois, por meio dos mesmos resgata-se as identidades negras, suas culturas e histórias, assim como, busca-se eliminar ações racistas e preconceituosas, pois, segundo a autora Geisiane de Souza Freitas:

Na experiência brasileira o racismo é pautado na questão do fenótipo, ou seja, de acordo com as características físicas do sujeito, isto é, cabelo, traços faciais, formas corporais e cor da pele, neste último a variação de quantidade de melanina na pele influencia na variação de como o racismo é praticado com o sujeito, em outras palavras, quanto mais retinto o indivíduo for, mais suscetível a passar por situações discriminatórias de cunho racista este sujeito está (Freitas, 2018, p.24).

Assim, percebemos que o preconceito e o racismo a pessoa negra, está diretamente ligada a aparência física da mesma, a sua estética, por isso, se mostra tão importante a posituação imagética do negro dentro de nossa sociedade. Ao chegar no território brasileiro, o negro escravizado absorve muito das novas culturas a qual passa a ter contato, voluntária e/ou involuntariamente, formando assim uma nova identidade, para tentar fugir de sua própria, a qual era considerada inferior. Nas palavras da autora:

No período escravocrata os negros eram considerados sem alma, bichos, selvagens, a população foi bestializada. Diante desse fato, a população mesmo lutando com resistência, internalizou o estigma e criou a autoimagem negativa que é vista até hoje em nossa sociedade. (Freitas, 2018, p.26)

Na tentativa de ser aceito, em meio a sociedade, o negro assimila elementos da cultura, dos costumes, da religião, do modo de se vestir e falar do branco, já que os seus próprios elementos são vistos e considerados por essa sociedade como inferiores de forma tão enfática que os mesmos passam a acreditar e muitas vezes negar sua cultura e estética almejando uma aceitação social.

A valorização e positivação da imagem e estética negra é imprescindível para a redução do preconceito e discriminação, para isso é necessário subtrair os valores culturais branco, e elucidar no negro a altivez e orgulho étnico racial e assim trazer à tona a cultura, civilização e humanidade do negro. Proporcionando assim, um reencontro com sua identidade. A estética negra tem como um dos seus objetivos o processo de aversão a imposição de uma estética hegemônica europeia, se tornando assim, uma forma de resistência negra contemporânea.

Eduard Said (2007), apresenta a cultura como locus da relação de poder, mostrando como o colonialismo ainda deixa suas marcas mesmo após o processo colonial, o que o autor chama de dominação simbólica, assim destaca, como se mantem essas marcas simbólicas de dominação em representações culturais, na arte, na educação, nas mídias e na própria estética, mostrando que a intenção de hegemonia europeia vai além das questões geográficas e/ou econômicas mas abrange elementos culturais, no momento em que culturas completamente diferentes são homogeneizadas em discursos reducionistas e extremamente imperialistas. Para Said (2007), o Ocidente tem por intenção, colocar o Oriente como o “outro” para assim torná-lo diferente, e servir os interesses do colonialismo, desse modo, esse movimento se apresenta intencional, com o propósito de dominação.

Se voltar aos estudos de história africana em sala de aula e suas influências sobre nossa cultura, assim como, manter seus cabelos naturais, cacheados ou crespos, usar acessórios étnicos, e impor suas características físicas, se apresentam como luta negra contra uma sociedade que privilegia os estudos da história europeia, assim como, sua estética, luta essa contra a marginalização existente adversa a população negra pós processo de abolição.

Muitas das características negras são marginalizadas, juntamente com sua população, para desse modo inferiorizar as mesma, fazendo assim, com que se sinta necessidade de oferecer modificações à essas caraterísticas, e tal necessidade não nasce contemporaneamente, surge com a chegada dessa população aqui, quando escravos eram obrigados “a dar um jeito” em seus cabelos “ruins”, na ausência dos processos químicos, seus cabelos eram raspados, junto com seus cabelos suas identidades, suas características, sua estética, suas raízes.

Depreciar e preterir as características da estética negra, se torna uma das formas mais visíveis de racismo, da mesma forma, valorizar e positivar essa mesma imagem, poderá conduzir a diminuição do mesmo. Posto isto, apresentar uma resignificação do ser negro, proporciona uma oportunidade de reconstrução identitária, que vai além do objeto escravizado, pois, segundo Stuart Hall (2003), “identidade é um lugar que se assume, uma costura de

posições e contexto”, portanto, aquele negro outrora objeto de posse branca, agora liberto, pode e deve assumir seu espaço enquanto ser, se resignificar. Não estou colocando aqui, que isso seja um processo fácil ou simples, ou ainda que dependa somente da população negra, pois opostamente a essa luta, existe a tentativa de manutenção hierárquica social, como explica a autora Marli Madalena Paixão:

Essas diferenças biológicas, no contexto da escravidão, do racismo e das relações sociais foram e vêm sendo transformadas em formas de hierarquizar, inferiorizar indivíduos, grupos e povos, num processo cultural de transformação de propriedades biológicas em desigualdades sociais. (Paixão, 2008, p. 20).

A autora mostra uma nova apresentação em relação aos povos escravizados, mesmo se encontrando na qualidade de libertos, a sociedade se preocupa em mantê-los em condição hierárquica inferior. Para Quijano (2005), a identidade europeia se destaca entre as outras identidades mundiais, por isso, os demais povos, sobretudo os subjugados por eles, eram colocados em condição de subalternidade, assim como suas características físicas, intelectuais e culturais, e desse modo se mantiveram mesmo após sua libertação, em prol de um equilíbrio social e manutenção organizacional feita desde sua chegada ao território brasileiro, por meio de homogeneizações e simplificações dos diversos povos que aqui chegaram.

Os bantos, nagôs, minas, gêges que foram escravizados e trazidos em grandes contingentes para o Brasil, aqui se tornaram “africanos”, ganhando junto com o termo “africano” para sua identificação, outros dois, o de “negro”, identificador de sua condição racial, e o de “escravo”, descrevendo sua condição social (Paixão, 2008, p. 30).

Qualquer um dos termos citados acima, africano, negro, ou escravos, são termos afim de generalizar, desqualificar e inferiorizar os povos não europeus, que agora habitariam o território brasileiro, para então dominá-los, não apenas fisicamente, mas ideologicamente, fazendo-os acreditar que eram de fato inferiores a seus algozes. Porém, essa experiência de dominação, teve como resposta de muitos desses povos aqui escravizados, a resistência. O mesmo corpo que era açoitado, violentado, e preso em cativeiros, trazia em si a luta para não deixar de ser o que se é, para não se desumanizar, a estética negra, torna o corpo escravizado espaço de resistência. “Apesar dos limites impostos pela escravidão, a reprodução de formas de trançar ou cortar o cabelo e adornar a cabeça permaneceram como forma de resistência e manutenção da identidade e humanidade” (Paixão, 2008, p.30). Para as pessoas submetidas a escravidão, trançar os cabelos ia muito além do que tentar arrumá-los e/ou organizá-los.

Mas contemporaneamente, o que leva alguém a traçar os cabelos? A aparência é inegável, mas ser negro, vai muito além disso, está vinculado com seu anseio de pertença e/ou com o despertar de uma consciência social e política, buscando se reconhecer, e fazer-se

reconhecido, a partir de quem se é e aparenta ser, por meio de suas características e estética própria. A estética negra, as tranças, roupas, cor da pele, características físicas, adornos, assume o papel de instrumento de combate ao racismo e ícones identitários. “O racismo é compreendido, nesse contexto, não só como uma construção ideológica que justifica as distâncias culturais, cristalizadas posições sociais, como atribui um sentido negativo as diferenças culturais, físicas e estéticas” (Gomes,2006, p.142). Desse modo, a aparência do negro, é uma forma de enfrentamento ao processo discriminatório.

Contraditoriamente a esse processo, existem negros e negras, que acabam estabelecendo uma rejeição em relação as suas características físicas, isso se dá, devido as diversas maneiras as quais o racismo é absorvido por cada pessoa, por isso, se mostra tão importante políticas afirmativas em relação a identidade negra. Quando se tem sua alteridade formada e bem consolidada, frente as discriminações existentes em nossa sociedade, a estética do negro se torna resistência, quando não, gera conflitos identitários, fazendo muitas vezes os mesmos terem necessidade de alterações físicas, buscando assim, uma aceitação ou mesmo na perspectiva de não serem mais alvo de comentários pejorativos e preconceituosos.

Para tanto, se mostra de fundamental importância a presença de políticas de posituação da imagem do negro em nossa sociedade, pois as mesmas, se apresentam como ações de resistência frente a posturas discriminatórias, e são essenciais para a construção identitária negra, assim como, reforçam a negritude, a partir da valorização dos atributos próprios dos negros, uma alternativa para se contrapor ao processo de estigmatização existente e tão presente em nossa sociedade. Se encontram pessoas politicamente conscientes e aptas a ressignificar as relações sociais que se apresentem desiguais ou discriminatórias, essas ações apresentam maiores possibilidades de não se perpetuarem, pois, uma pessoa segura de suas ideologias, raízes, identidade, se torna capaz de enfraquecer atos preconceituosos.

Após sete anos de procedimentos químicos, resolvi deixar meu cabelo crescer natural, o que me motivou a enfrentar esse processo, foram as diversas falas durante minha primeira pós graduação, em relações étnicos raciais, a partir dali, percebi que meus cabelos cacheados, eram muito mais que cabelos cacheados, eram minha identidade, minhas raízes, minha história, e deveria ter orgulho disso, evitei contar que estava passando pelo processo de transição capilar, para as pessoas de meu convívio, para que ninguém pudesse me desmotivar, e comecei a acompanhar nas redes sociais pessoas que estavam passando pelo mesmo processo que eu, ali trocávamos dicas, receitas, produtos, experiências, resultados, dúvidas, inseguranças, a rede

mundial de computadores, se mostrou um excelente espaço para auxiliar esse momento. Canais no youtube como os da Juliana Louise e cachos mil, que tratam de transição capilar e dão dicas de produtos e procedimentos que podem auxiliar nesse processo, e também páginas no facebook, como a Transição Capilar, que reúne mulheres de toda a parte do país que estão passando, ou pretendem passar por esse processo, e nesses espaços podem contar suas experiências, tirar suas dúvidas e coletar informações sobre esse momento tão importante de suas vidas.

Letícia Pavarina (2021), analisa como a estética negra vem passando por mudanças e a rede criada entre as pessoas que movem esses canais, desse modo, por meio dessas conexões, percebemos que não estamos sozinhos, as mesmas, ajudam a propagar uma nova ótica em relação a imagem do negro e da negra, sobretudo em relação a si mesmo. A aceitação da estética negra é incentivada e apoiada por esses canais e obrigou a indústria de cosméticos a se adaptar a esse público, outrora existia toda uma dificuldade em encontrar produtos adequados ou direcionados para cabelos e pele negra, hoje no mercado de cosméticos, já existe linhas específicas e variadas para esse seguimento, o que segundo a autora, facilita e incentiva o processo de transição capilar, assim como, a aceitação e positivação da estética negra.

Sites como esses citados acima, são de extrema importância para o processo de afirmação étnica, e auxílio no processo de transição capilar, assim contribuindo também para uma nova forma da população negra se ver e se posicionar no mundo em que vive. Porém, é muito comum, também ver nesses sites, relatos dos comentários recebidos por essas pessoas durante a transição, comentários esses, criticando, desincentivando o processo, ali também se vê, uma sociedade preconceituosa. Muitas alegam desistir da transição por não ser aceita no trabalho com seu cabelo natural, ou ainda, ter dificuldades de arranjar um companheiro, ou o cônjuge ou namorado preferir seus cabelos alisados, se sentir constrangida com os olhares externos, logo, manter os cabelos naturais para os negros e principalmente para as negras, exige um grau de segurança, orgulho identitário e resistência.

Assim sendo, percebemos que a construção e afirmação de uma autoimagem, vai muito além de uma questão estética, ou mesmo que a estética negra, é muito mais extensa que a imagem refletida por uma pessoa ou grupo, ela abrange questões ideológicas, políticas, históricas e identitárias. Percebemos também, que exatamente por ser tão ampla, influência direta e indiretamente na vivência cotidiana dos indivíduos, contribui pontualmente em seu desenvolvimento social e no declínio referente ao preconceito, discriminação e racismo. Por

consequente, consideramos de extrema relevância conhecermos os precedentes que colocaram a imagem do negro em questão, os movimentos surgidos, que abriram mão de se enquadrar em uma estética imposta para reafirmar sua própria.

1.2 Contextualizando processo de fuga dos padrões de beleza.

Pele clara, cabelos lisos e loiros, olhos azuis verdes ou amendoados, estatura média, corpo esguio e jovem. Estas características são consideradas pela maioria maçante das pessoas como belas. Mas o que é o belo? Segundo o dicionário Aurélio (2000), “belo é o que tem formas perfeita e proporções harmônicas, agradável aos sentidos, bom e generoso, próspero e feliz, aprazível, sereno”. Conforme a formulação do dicionário, parece bem relativo e pessoal esse conceito. Para Júnior Duarte (2003), o belo muda de acordo com a sociedade e o contexto o qual está sendo inserido, desse modo, o conceito de belo não é algo estático permanente, levando em consideração o caráter pessoal desse conceito, também podemos dizer que o mesmo é relativo e inconstante.

Consoante ao mesmo autor, o belo não vem só do externo, mas de características admiráveis, como a virtude e coragem, assim podemos observar que a beleza transpassa a aparência. Nas características presentes no dicionário também aparecem elementos não físicos como “bom”, “generoso”, “feliz” e “próspero”. Como a partir de um conceito tão amplo estabelecer padrões? Nossa sociedade na verdade, herda esse padrão das sociedades colonizadoras, que aqui se impõem, social e ideologicamente, visto isso, a beleza se mostra uma categoria socialmente construída e que se modifica de acordo com os contextos históricos e culturais. A concepção de beleza nos fala da relação que os sujeitos definem com seu pertencimento, estabelecendo uma compatibilidade com a afirmação identitária, com sua estética, sua imagem.

A estética influencia a consciência e a subjetividade do indivíduo, assim, o que se torna considerado belo, se estabelece a partir da percepção do outro, podendo ser esse inferior, superior, ou simplesmente diferente. Nas palavras de Geisiane Freitas.

Se a estética do belo está relacionada com a forma como a sociedade determina o que é beleza, e se essa forma em algumas estruturas sociais tem caráter de cunho racista, a exemplo do Brasil, a estética tem influência, sobre a construção das subjetividades, como as individualidades negras no Brasil estão sendo construídas? (Freitas, 2018, p. 30).

A autora mostra por esse discurso, que a estética estabelece padrões, e esses padrões são apresentados a partir das características europeias, desse modo, eles se tornam carregados de racismo, assim os padrões de beleza estabelecidos por meio de vícios racista, traz à individualidade negra, o oposto de belo. Assim, a autora conclui que, a forma como a estética é moldada por uma lógica de exclusão interfere no comportamento dos indivíduos, fazendo com que os mesmo muitas vezes busquem alterações corporais, a fim de se inserir e/ou serem aceitos em meio a sociedade vigente.

Cassi Landi Reis Coutinho (2009), traz em seu trabalho, a sociedade das décadas de 60 onde se propagandeava produtos de clareamento de pele e alisamento de cabelos, se vendiam as características europeias, para que o negro pudesse de alguma forma se aproximar do padrão exigido, para que assim começasse a se civilizar e tivesse a chance de se inserir na sociedade, ou ainda, dessa forma, reduzir ou acabar com a discriminação, pois, existia um esforço desse negro em adquirir as características socialmente aceitas. No entanto, todo o esforço de parte da população negra em tentar se igualar ao branco pelo menos na aparência, foi inútil, pois independente de seus esforços, sempre eram vistos como negros, conseqüentemente inferiores, e não existia nada que pudessem fazer para mudar isso.

A população negra não aceitando essa marginalização de forma tranquila, e como contragolpe a essa sensação de desprezo e desilusão existencial, e os processos de uma consciência histórica, de seu papel na formação e desenvolvimento do Estado brasileiro, assim como, na própria história desse lugar, faz com que os mesmo, reivindicuem seu lugar na sociedade, não como negros que querem ser brancos, mas como negros que querem ser reconhecidos e valorizados como tal, aqui vemos surgir o movimento ideológico que mais tarde ficou conhecido como negritude.

Para o desenvolvimento desse movimento ideológico, que explanaremos mais adiante, foi imprescindível a ação da consciência histórica, no despertar para a valorização da identidade negra dentro da sociedade a qual se vivia, passar a enxergar que, apesar de libertos, corporalmente, permaneciam cativos de uma sociedade a qual não os aceitavam como eram. Sobre esse termo Estevão Martins conceitua:

Consciência histórica é a expressão utilizada contemporaneamente para designar a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal existente. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo (Martins, 2019, p.55).

Compreendemos assim, que para que a população negra pudesse perceber que jamais iria fazer parte efetivamente daquela sociedade, essa população realizou uma profunda reflexão acerca do seu papel daquela coletividade, provocando percepções advindas de seus cotidianos e de como eram tratados, percebidos e inseridos no âmbito social vigorante, o que gerou uma profunda revolta e não conformidade perante tal situação. Notar mais do que a si mesmo, mas seu coletivo e suas funções sociais, sua história e o que os trouxe até ali, por meio da conscientização histórica da população negra, proporciona o surgimento da negritude, que tinha por objetivo a valorização da cultura e identidade negra. Nas palavras de Munanga:

Esta recusa de integração que se traduz na manutenção da desigualdade por parte do dominador branco, provoca a revolta do negro e, finalmente, a ruptura com o sistema escravocrata e colonial. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de "negritude". (Munanga, 1988, p.111)

Por meio da negritude, buscava-se reavivar a cultura negra escondida por trás da cultura do branco, positivar sua história, ter orgulho da mesma, e se libertar de fato das amarras coloniais, assim, o negro se tornaria mais do que uma importante engrenagem para o desenvolvimento social, pois, eram a principal mão de obra, passariam a reivindicar seu papel social, como qualquer outro ser participante da mesma, e tentando se livrar do imaginário depreciativo dado pelo seu colonizador.

Petrônio Domingues (2005), descreve a negritude, como um processo de aquisição de uma consciência racial, de valorização de toda a manifestação cultural de matriz africana, e a ação de rompimento com os valores eurocêntricos. Desse modo, a negritude seria o sentimento de orgulho da raça negra, o ato da pessoa negra assumir sua condição, sua etnia, e se tornar consciente de sua identidade, negando o processo de embranquecimento, e aceitando sua herança racial, negando os valores culturais do branco e despertando orgulho de seus próprios valores. Para o autor a ideologia da negritude, foi antes de tudo, um movimento de resgate da humanidade do negro, “a negritude também teria se forjado da compreensão de que a cor da pele é mais do que um ‘acidente’ genético. Ela expressaria uma ética, estética, uma forma, uma substância específica, inalienável, da civilização negra e sua cosmovisão (Domingues, 2005, p.17). Por conseguinte, a negritude seria um movimento em reação ao desprezo da cultura negra em defesa dos valores raciais do mundo negro (Domingues, 2005).

Ideologicamente, a negritude surge no norte da América, porém, ganha essa nomenclatura na Europa, derivada do termo francês “négue” que em meio a sociedade francesa

tinha sentido pejorativo, ao se apropriar do termo pretendia-se ressignificá-lo, passando assim, de xingamento à um elogio à cultura, valores e identidade negra. Acreditava-se que a negritude fosse um processo de transição para o fim do racismo, pois, proporcionando um espaço de fala para a conscientização do negro sobre si mesmo, abriria espaço para a conscientização do branco acerca do espaço cedido ao negro naquela sociedade.

A relevância da negritude para as sociedades as quais fez parte é inegável, mesmo sofrendo críticas acerca das restrições dos debates sobre a temática raça, o que na verdade não impedia o debate e articulação acerca de outros processos discriminatórios, hoje o movimento da negritude se mostra extremamente flexível, e sustenta outros discursos, a fim de auxiliar na construção de uma sociedade onde todos possam fazer parte igualmente.

Apesar de sofrer diversas críticas ao longo dos anos, a negritude se mostra de extrema importância para o processo de valorização e conscientização da população negra. Outros movimentos de posituação da imagem do negro e da negra e de fuga dos padrões de beleza impostos pelo colonizador e resistência da dominação externa, assim como, a proposição de uma nova estética, aparecem ao longo da história. Esses movimentos carregam consigo o propósito de trazer ao negro e sobretudo as suas características físicas, visibilidade e respeito, o direito de ser negro, sem medos, sem preconceitos, poder carregar com orgulho suas raízes. Por conseguinte, vamos conhecer um pouco de alguns desse movimento.

1.3 Movimento negro e empoderamento estético

De fundamental relevância para a luta negra, o movimento negro, ou podemos dizer, os movimentos negros, já que o mesmo, é na verdade uma série de movimentos sociais, político e cultural que lutam contra o racismo e pela igualdade social e de direitos entre negros e brancos, foi e é de fundamental importância para a valorização e empoderamento da estética negra, a qual, é usada como instrumento para a luta nesses movimentos em defesa da igualdade de direitos civis e contra o racismo. Uma grande parte do movimento negro, concentrou-se em países americanos, devido ao processo de escravidão, o qual sofreram durante séculos e na África do Sul, por conta do imperialismo inglês e do apartheid. No século XX, os movimentos acabaram se dividindo, devido pautas de lutas sociais distintas de acordo com as necessidades da população negra de cada local.

Na década de 20 o movimento Black Power surge nos Estados Unidos, criado por Marcus Garvey, empresário e ativista jamaicano, apresentava pautas voltadas para política,

cultura e mazelas sociais. Somente na década de 60 o movimento Black Power ganha notoriedade na luta contra os direitos civis norte americano, os quais não garantiam direito algum a população negra, e ainda os diferenciavam da população branca, o movimento foi de extrema importância para que a população negra alcançasse direitos iguais, porém, as condições sociais permaneciam distintas.

O termo Black Power, foi criado por Stokely Carmichael, e significa “Poder Negro”, o mesmo tinha por objetivo buscar uma consciência racial, por meio da estética dos cabelos, que como vimos anteriormente, é uma das características mais forte da população negra. A ideia era a manutenção dos cabelos afro, sem intervenção, propor uma nova estética “natural” sem alisamentos, conciliando a sua ideologia do “ser negro” e sua imagem, composta agora por características próprias, características negras. Juntamente com o movimento Black Power, surge o Black is beautiful, vocábulo que afirma que ser negro é lindo, propondo uma posituação da imagem do negro, e um distanciamento dos padrões de beleza europeu. Nos Estados Unidos o movimento Black Power, vinha se contrapor aos encaminhamentos reformistas do movimento pelos direitos civis, como visto anteriormente. Já no Brasil, o movimento aparece durante o regime militar, o que devido a censura sofrida durante esse período, fez com que o Black Power tivesse no Brasil um foco na estética, copiando basicamente os artistas negros norte-americanos, no seu jeito de se vestir, nos acessórios e corte de cabelo (Coutinho, 2005).

Ainda na década de 60, mais necessariamente em 1966, na cidade de Oakland, California, surge o partido dos Panteras Negras, fundada por Huey Newton e Bobby Seale, tinham como objetivo inicial, patrulhar os guetos americanos para proteger a população negra das truculências policiais e garantir seus direitos, esse movimento possuía uma articulação política socialista de cunho nacionalista negro. (Freitas, 2018). Com o crescimento do movimento, o mesmo, assume novas finalidades, com mais de dois mil membros, os Panteras Negras ganham notoriedade, assim como, a estética dos seus participantes, aparecem como destaque, pois buscavam manter seus cabelos de forma natural, aderiam o estilo Black Power, no modo de se vestir, resgatavam a moda africana e priorizavam roupas pretas, como forma de reforçar a cor de sua pele, o que para eles era motivo de orgulho. Os Panteras Negras, buscavam a partir de sua aparência se mostrar e se destacar na sociedade, com altivez de serem negros. Com o grande destaque que o movimento ganha ao longo de sua história, parte de seus membros passam a ser perseguidos e assassinados, o que faz com que o movimento enfraqueça, e chegue ao fim na década de 80.

Na década de 70 o rastafarismo fortalece a luta contra a imposição estética europeia, a maior parte dos adeptos a essa filosofia, mantinham enquanto característica os dreadlocks, estética capilar que permitia com que os cabelos negros crescessem e se enrolassem naturalmente, mais que uma questão estética, o movimento rastafari trazia um cunho filosófico, de crença religiosa e resistência social, havia um sincretismo entre conceitos bíblicos e rituais africanos, teve como seu principal e/ou mais famoso representante Bob Marley, que por meio do Reggae Music, propagou a cultura e a ideologia do movimento Rastafari, assim como, as insatisfações e inquietações do povo negro. Do mesmo modo que o movimento Black Power, os Rastafaris estenderam-se por várias partes do mundo, propagando uma nova forma de afirmação identitária negra, apresentando e positivando um estilo negro próprio (Macedo, 2004).

No Brasil, a estética negra usou como instrumento de luta a favor da população negra, o bloco de carnaval Ilê Aiyê, que em meio a ditadura militar sai as ruas de Salvador, com músicas cujo as letras traziam como temas a afirmação do negro, a valorização do cabelo afro, a religião, cultura e tradição negra, permitindo com que os mesmos assumissem seu lugar na sociedade, com orgulho de sua estética e dando visibilidade a causa e luta negra. O movimento Ilê Aiyê, também promove o desfile de beleza negra, se contrapondo aos padrões de beleza comumente propagados, e a beleza da negra explorada por meio da sexualidade, pois, os critérios propostos pelo concurso são os penteados, dança e vestimenta, e o principal critério seria a consciência de sua negritude. Apesar de sua relevância para a positivação identitária do negro, o bloco Ilê Aiyê, sofreu duras críticas da imprensa e sociedade soteropolitana da época, pois, os mesmos disseminavam a imagem de uma sociedade igualitária entre negros e brancos, as reivindicações do bloco, foram vistas como sem sentido, já que para eles, existia uma democracia racial dentro naquela sociedade e as reclamações e protestos feitas pelos mesmos não fazia muito sentido, chegaram até a serem acusados de promoverem a divisão da sociedade.

Outro movimento contra hegemônico, significativo para a história da resistência negra no território brasileiro, é o Movimento Negro Unificado. A população Negra, assim como, libertos e seus descendentes, não receberam políticas de inclusão a sociedade brasileira, mesmo após a abolição não foram criadas políticas públicas de reparação para essas populações, os mesmos foram tirados das senzalas e jogados em meio a uma sociedade extremamente racista, a qual os culpava por suas mazelas e mesmo com os status de libertos não deixaram de ser inferiores, medíocres, insignificantes, e sua imagem ser ligada a marginalidade. Com o intuito de inversão dessa condição e sem poder contar com o poder público, os novos libertos criaram

grêmios, clubes e associações com objetivos assistencialistas, recreativo e cultural, para de alguma forma assistir os negros dentro dessa sociedade, que querendo os brancos ou não, agora faziam parte.

Com esses trabalhos de assistência para a inserção do negro na sociedade vigente, muitos se associaram e passaram a fazer parte do Movimento Negro, o qual foi crescendo e formando associações femininas, preocupados com a causa da mulher negra em específico, e a imprensa negra, responsável por informar a população negra sobre o que realmente interessava e cabia a essa população ter conhecimento, informações essas muitas vezes omitidas nos jornais dos brancos. O Movimento Negro unificado, também assume a causa da valorização da estética negra como forma de estima e inserção do negro no meio social branco. Mesmo durante o Estado Novo, momento em que vários movimentos não governamentais sofrem perseguições o Movimento Negro se mantém.

Esses movimentos, traziam aos negros o direito de manter suas características naturais, assumir seus cabelos, penteados, adornos, vestimentas, e não se restringia a simples direito de manter seu aspecto natural, mas assumir seus traços e peculiaridades era uma maneira de protestar acerca do tratamento que os negros recebiam ao longo do tempo naquelas sociedades (Coutinho, 2009). A autora citada, expõe em seu trabalho, as dificuldades de apropriação da estética negra e fuga dos padrões de beleza colocados, segundo a mesma, para as mulheres existe um grau de dificuldade maior do que para os homens, devido os mesmos, terem a possibilidade de simplesmente rasparem a cabeça e negarem suas raízes, enquanto para a mulher, os cabelos são elementos de extrema importância o que faz com que as mesmas os mantenham, mesmo que lhe gere trabalho, vergonha e preconceitos.

Freitas (2018), afirma essa fala dizendo que: “As mulheres são imensamente mais atingidas pelos padrões estéticos, isso porque, sofrem com a relação de poder existente das relações homem versus mulher, pelo patriarcado, machismo, e sexismo que existem nas estruturas sociais” (Freitas, 2018, p. 28). Desse modo, percebemos que as mulheres negras, são alvo de dupla opressão, por possuírem duas ou até muitas vezes mais de duas identidades oprimidas, a soma dessas opressões causa traumas profundos nessas mulheres. Para a autora, a forma como a estética é formada com elementos de exclusão, influência sobre as construções das subjetividades, interferindo no comportamento dos indivíduos.

Assim como, em nossa cultura, nas culturas africanas os cabelos portavam de grande importância, não apenas estética ou social, nas palavras de Nilma Lino Gomes:

Nas culturas africanas, o cabelo faz parte de um complexo sistema de linguagem, pois através do mesmo podia se identificar diversas características de uma pessoa, como: estado civil, origem geográfica, idade, religião, identidade étnica, posição social e econômica da pessoa. (Gomes, 2006, p. 35)

Apesar de não darmos essas atribuições aos cabelos, os mesmos trazem nossa identidade, trazem um pouco de nós, ao modificá-los, perdemos parte do nosso ser. Porém, é relevante ressaltar que muitas mulheres negras mudam suas aparências devido uma exigência social, muitas tem dificuldades de se assumir; por exemplo, em determinados anúncios de emprego se exigem boa aparência, nesse critério, cabelos afro normalmente não se encaixam, o que força uma alteração de sua aparência.

Contemporaneamente, podemos perceber uma discreta modificação acerca do mercado da beleza referente aos produtos direcionado ao público negro, hoje já conseguimos encontrar produtos de maquiagem com uma maior diversidade de tons de pele, produtos de cabelos de uma mesma linha oferecendo várias opções para cabelos cacheados e crespos, levando em consideração suas várias texturas, cores mais apropriadas para o tom de pele negro e fragrâncias voltadas para pessoas negras. É inevitável não estabelecer vínculo entre essas modificações no mercado de beleza e os movimentos de afirmação identitária e estética do século anterior, porém, ainda existe muito a ser feito.

Embora a maior parte da população brasileira seja negra, nas revistas de moda ainda se encontra em maioria mulheres brancas carregadas de característica europeias tidas como o padrão do que é belo, assim como, os editoriais brasileiros que se inspiram nos editoriais europeus, privilegiando uma minoria das mulheres brasileiras, e fazendo com que a maioria não se sinta assistida e/ou representada. Por esses episódios, muitas mulheres ao se tornarem conscientes de suas identidades, passam a deixar os seus cabelos a voltarem a condição natural, fugindo dessa lógica racista, se submetem a passar pelo processo de transição capilar e assumindo seus cabelos naturais, se tornando uma forma de protesto a essas mídias, assim como, a sociedade preconceituosa a qual vivemos. Sobre essa discursão Nilma Lino Gomes relata:

“O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no pólo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no pólo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste” (Gomes, 2002, p. 03).

Para tanto, se mostra tão importante a luta dos movimentos apresentados nessa sessão, que se manifestaram por diversos direitos da população negra, entre eles o direito de ser o que são, de manter sua identidade, de manter sua imagem, de manter sua história estampada em sua estética. Desse modo, a estética negra resiste e se mantém na sociedade, mas se mostra muito mais do que simples opção de aparência, é resistência a um processo de opressão a figura do negro, se apresenta como alternativa para a positivação da imagem do negro tão minimizada em nossa sociedade, o que é sim, uma forma de racismo de preconceito.

O fato é que, muito já foi avançado, mas ainda temos muito caminho pela frente. Elementos da cultura negra hoje podem ser encontrados e expostos com mais facilidade, alguns até são considerados moda, e presentes até mesmo em meios sociais brancos, mas, e quando essa moda passar? Mais do que uma moda volátil, os elementos da cultura e estética negra tem que construir uma sólida consciência do que é ser negro e negra em nossa sociedade. Como podemos apurar ao conhecer um pouco sobre os pioneiros da resistência aos padrões estéticos impostos a nós, a imagem e como nos vemos ou como o outro nos vê, se torna elemento essencial para a construção de nossa identidade, nosso reconhecimento e desenvolvimento social.

Conseqüentemente os conflitos ideológicos em torno da imagem do negro e da negra, devem ser combatidos, favorecendo a construção de uma imagem positiva das populações negras, sendo a estética negra uma via para alcançar tal ideal. Resistir aos padrões de beleza a nós impostos, padrões advindos do processo de brutalidade e violência, fruto de nossa colonização, e assumindo seus elementos físicos naturais, impor respeito às características próprias do seu corpo e de sua identidade, é assumir uma luta, por uma sociedade, mais justa e igualitária. Como vimos no início da sessão, a beleza é um elemento relativo, não podemos ceder e nos deixar levar por padrões.

Isso posto, compreendemos que assim como conhecer a caminhada que nos conduziu a questionar esses padrões de beleza, normatizados em meio a nossa sociedade, como se sempre tivesse sido assim, também identificamos a relevância de expor as relações existentes entre a positivação da estética negra e a construção da identidade dessa população, o reconhecimento identitário da negritude do auto reconhecimento étnico e sua relevância social. Elucidar as mudanças a partir do momento em que me enxergo em quanto negro, assumo minha negritude e resisto aos padrões de beleza impostos, e reconheço a minha identidade negra e os impactos sociais consequentes dessas mudanças.

1.4 Olhando para o espelho: A estética negra e a construção da identidade.

Olhar para o espelho, é a forma mais prática de conseguir olhar para si mesmo, mas quando tentamos descobrir ou analisar quem somos, apenas nosso reflexo não é suficiente, precisamos ir além, olhar dentro de nós, olhar para o que acreditamos, o que conhecemos, por onde passamos, quem veio antes de nós, do que fazemos parte, de onde viemos, a quem amamos, elementos que nos fazem conhecer a nossa identidade. Esse conjunto de características os quais nos identifica, nos conduz a um autoconhecimento ou em muitos casos autorreconhecimento, pois, muitas vezes essas características são ignoradas ou negadas. Nossa identidade encontra-se em constante processo de formação, de acordo com os acontecimentos e vivências aos quais nos submetemos ao longo da vida, e a mesma se reflete em nossas ações, em nossa fala, em nossa consciência, em nossa imagem. Muitas vezes o que reflete no espelho, não condiz com que reconheço interiormente, ou o que quero reconhecer, provocando uma crise identitária.

É muito comum em formulários conter os itens, cor, raça ou etnia, o que em algumas pessoas causa dúvidas de como preencher, dúvida sobre o próprio reconhecimento identitário, o qual é pessoal e intransferível. Nossa identidade é construída do decorrer de nossa vida, desse modo, existem diversos elementos que contribuem para a formação da mesma, que fazem com que aceitemos ou não proposições em nossa vida, que colaboram com nossa existência, a partir de subsídios os quais queremos nos relacionar ou não. Nessa sessão, vamos ponderar alguns desse elementos. Uma das primeiras relações a qual o ser humano se submete é a relação familiar, é uma das primeiras experiências na construção da identidade que se tem contato, nela encontramos as primeiras pessoas as quais nos identificamos e temos como exemplo, é na família onde a pessoa negra pode encontrar pessoas as quais se espelhar, para formar sua identidade, assim, as vivências anteriores de seus ancestrais, de seus pais e avôs refletem na relação que o mesmo pode vir a ter com sua etnia, pois se os mesmos tiveram uma relação conflituosa, de preconceito, de negação, isso pode vir a refletir no modo como o ser negro constrói sua identidade (Silva & Santos, 2014). Do mesmo modo, se esse negro e negra perpassa por um ambiente de afirmação, reconhecimento e orgulhos de seus traços, tradições, trajetória familiar, terá maior possibilidade de desenvolver sua negritude.

O papel da família, se apresenta como gênese de uma identidade negra, porém, se não afirmada, pode levar a uma crise identitária ou a uma negação da mesma, crianças normalmente se espelham nos pais, se uma menina cresce vendo sua mãe de cabelos lisos, provavelmente na

primeira oportunidade vai querer alisar, se um garoto vê seu pai de cabeça raspada, não vai desejar deixar seus cabelos crescerem, ao menos que receba influência de outros membros da família e/ou de elementos externos a mesma, favorecer a positividade e afirmação da identidade negra dentro da família prepara o ser negro para os outros ambientes os quais ele tenha que participar e tenha que se impor, a família pode vir servir de modelo para a formação de uma identidade racial positiva, e não deve transferir esse papel para outros elementos da sociedade, pois, veremos a seguir que é ainda mais complexa essa construção identitária em outros ambientes sociais.

Diuturnamente, as mídias exercem influência sobre nós, tal situação já se tornou tão comum, que se converteu imperceptível aos nossos olhos, televisão, redes sociais, revistas, entre outros, fazem parte do nosso cotidiano, e influenciam nosso modo de pensar, nossas opiniões, nossos comportamentos, nossas ideias. Porém, as mídias nem sempre retratam a realidade de nossa sociedade, se observarmos a estética da maior parte das pessoas que aparecem nas mesmas, vamos ver pessoas brancas, e ainda existe quem retruque, alegando que aparecem sim pessoas negras na mídia, de fato, não estou negando isso aqui, porém, em uma sociedade de maioria negra, por que a maior parte das pessoas que aparecem nas mídias fazem parte de outras etnias? Em nossa sociedade, existe uma forte desvalorização da imagem negra, onde raramente se vincula essa figura nas mídias, pois o padrão disseminado e aceito como belo, é o europeu, pois as características negras, não são associadas ao belo, mais sim ao sensual, na figura da mulher negra, desnuda, com elementos corporais volumosos, e ao subserviente, na imagem de seres escravizados ou portadores de funções submissas. De acordo com Ramos e Rodrigues:

A mídia continua a disseminar padrões de beleza europeus, opiniões de classes dominantes e estereótipos que são incorporados pela sociedade, inclusive pelos negros. Essas imagens dos negros retratadas na mídia em papéis subalternos ou com teor sexual promovem uma baixa autoestima nas pessoas e atitudes violentas contra elas (Ramos e Rodrigues 2010, p. 140).

Os autores narram as características de uma mídia que influenciam negativamente a imagem da população negra, pois, quando aparecem nas mesmas se encontram em lugares desfavoráveis, transpassando uma imagem de inferioridade ou objetivando a mesma. Durante anos, proporciona-se a mulher negra uma imagem de destaque durante o período do carnaval, onde se vincula uma personagem extremamente sexualizada, sem fala, sem personificação, sem problematização da imagem da mulher negra, um cartaz da figura objeto dada a mulher negra em nossa sociedade, símbolo de uma beleza corporal destinada ao prazer, a diversão, ícones de

nossa festa: o carnaval. E no momento em que essa mulher envelhece e perde suas características carnavalescas, ganha um novo ambiente, a cozinha, as personagens negras presente na mídia se amostram em condições subalternas, é comum em novelas, filmes e series personagens negros estarem em situação de subserviência, empregadas domésticas, porteiros, presidiários, prostitutas, raramente exercem funções elitistas, esses estereótipos representados pela mídia, refletem no imaginário social.

Para além de objeto de consumo, os corpos negros também são consumidores, de uma estética estimada pela mídia, que estabelece quais os padrões são belos e quais não são, e mais, vendem esta imagem supervalorizada, por meio de produtos e procedimentos que podem transformar, quem quer que seja na figura almejada. As modelos presentes em editoriais de moda, quase sempre, representam fenotípico europeu, mulher brancas, esguias, sem muito volume, raramente uma negra surge, e quando estão ali, normalmente se sujeitaram as apropriações de características brancas, como alisamentos, corpos magros. Essas apreciações, difundidas pelos meios de comunicação tem como alvo o senso comum, que corriqueiramente absorve o que é apresentado por estes.

Falando de mídia, também é importante salientar a representação que esta tem para com a disfunção de opinião, pois, através destes meios se difundiu preconceitos e discriminações verbais acerca da população negra, sobretudo nas redes mundial de computadores, onde anônimos ganham voz, e podem difundir suas falar racistas o que leve a uma baixa autoestima dessa população negra e conduz a uma não identificação e/ou rejeição de sua identidade por esses meios. Para tanto, o papel de uma mídia séria e comprometida, se mostra de extrema importância, também para combater o racismo e preconceitos existentes em nossa sociedade, por isso, o produto o qual este trabalho se volta, empregará esse tão relevante instrumento.

Fora das relações familiares e midiática, a pessoa negra passa a se relacionar com outros grupos de pessoas ao longo de suas vidas, as quais influenciam e contribuem para a formação identitária dessas pessoas, positiva ou negativamente, nessas relações chamadas interpessoais, ela está sujeita a todo e qualquer tipo de relacionamento, inclusive de discriminação. Contemporaneamente, essas relações se dão de forma mais subjetiva, pois, não expressão o preconceito abertamente, desse modo, se torna mais difícil ainda o combater. O racismo de forma velada é muito presente em nossa sociedade, por isso, à essa forma de preconceito se convencionou chamar de “racismo a brasileira”, que seria um racismo disfarçado, não explícito, ou até involuntário, ele acontece no momento em que logo imagino que a negra é a babá, e não

a mãe da criança, onde atravesso a rua ao ver uma pessoa negra, quando se faz piadas ou comentários racistas mas só por diversão, quando imagino que um negro de terno em lugares caros, deva ser o motorista, entre outras situações, não necessito xingar, ofender ou agredir alguém para ser racista, e qualquer uma dessas apresentações de racismo, pode influenciar na construção da autoimagem de uma pessoa, e na formação de sua identidade (Schwarcz, 1998).

Por essas relações normalmente conturbadas, das pessoas negra no meio social brasileiro, muitos negros e negras desenvolvem uma carapaça de proteção, já andam com o discurso pronto, como forma de se defender, e atentos a qualquer forma de discriminação. Como construir uma identidade negra positiva em uma sociedade como a nossa? Nas palavras de Silva & Santos:

Ver-se bonito ou feio é construído em meio às relações interpessoais, pela avaliação dos pares e do julgamento que o próprio indivíduo faz do seu grupo de pertença, e quanto ao próprio grupo não ser signo de beleza em um país no qual boa parte de sua população é de afro descendentes parecer vale até mais do que ser? (Silva & Santos, 2014, p.71)

Aqui as autoras descrevem uma estrutura da construção identitária brasileira, onde além da minha opinião as opiniões alheias também influenciam a construção da minha identidade, para elas o nosso meio social se prende as aparências, ao estético, o que para os negros, nessa sociedade racista desfavorece. As pessoas brancas desse modo, pelo simples fato de terem menos melanina, são privilegiadas, pois, não serão questionadas por sua aparência, como acontece com o negro. Concomitantemente, quando uma pessoa negra emerge socialmente, sua cor desbota, ela não é mais vista como negra, aí surgem os eufemismos, como: pretinha, morena, mulata, marrom bombom... usam vários tipos de adjetivos para fugir do “negra”.

Outra forma de influência social na formação identitária do negro e da negra nas relações interpessoais é a própria estética, através do branqueamento se condicionava a absorção do negro na sociedade, ele teria que negar a si mesmo, sua identidade, para então ser aceito, pois sua imagem era excluída dos padrões de beleza, como discutimos anteriormente, devido a isso, deveria abrir mão do máximo possível de características negras, porém como podemos observar, essa mesma estética inferiorizada pelo branco, se tornou meio para o processo de resistência negra, tão importante para a afirmação identitária. Pois a estética, a beleza é apresentada como forma de poder nas relações interpessoais, provocando o desejo de alcançar a almejada aparência europeia, a qual é colocada como a superior, fazendo aquele que não a possui ser alvo de discriminação e preconceito, sendo deixado de lado as particularidades de cada indivíduo.

Outro grupo social relevante para a construção de nossa identidade, é a escola. Apesar de seu objetivo principal não ser relações pessoais, a escola não se restringe a um espaço onde adquirimos conteúdos, ou saberes escolares, o espaço escolar vai muito além disso, nele conhecemos pessoas fora do nosso círculo familiar, com isso temos contato com valores distintos aos nossos, conhecemos pessoas que tiveram convívios e uma criação diferente da que nossos pais nos deram, na escola também podemos encontrar preconceitos. Desse modo, esse espaço pode ser considerado como um dos espaços que interfere na construção da identidade negra. (GOMES, 2002). Nilma Lino Gomes fala que “O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-los, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las” (GOMES, 2002, p.2) Segundo a autora a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar, desse sujeito, portanto, a própria estrutura escolar brasileira do modo como é pensada e realizada, exclui o aluno negro e pobre de diversas formas, entre elas não debatendo ou debatendo de forma superficial as questões étnico raciais.

Dessa forma, o negro não pode se restringir a ser apresentado nos bancos escolares apenas como escravo, somente como mão de obra no período colonial brasileiro, como se sua única função fosse essa, como se passasse a existir para isso. A autora citada anteriormente estabelece como missão dos professores, conseqüentemente da escola, desnaturalizar as desigualdades raciais, propõem que para alcançar uma nova postura da escola, preocupada com a formação identitária do discente negro seria necessário, um empenho em entender e mostrar que vivemos sob o mito da democracia racial, desmistificar essa sociedade onde a harmonia entre as raças é presente, onde todos respeitam as diferenças um dos outros, levar a conhecer nossa sociedade real, sem filtros, com suas discriminações e preconceitos e mais que isso, também se mostra necessário, não apenas visualizar essa sociedade, mas também se posicionar politicamente, contra esses discursos, contra a cultura do branqueamento e a exclusão social da população negra, e ainda propor novas práticas escolares, as quais possam atender as necessidades do alunato negro, como tal se propõem o presente trabalho, que busca entre outras coisas, sensibilizar para o quão complexa é a construção da identidade negra no Brasil (Gomes, 2002).

Para a autora, pensar trabalhar a identidade negra na escola, é questionar não somente os negros sobre as questões raciais, mais também os sujeitos que pertencem a outros segmentos étnicos, com os quais eles convivem, pois para a mesma, a população branca do Brasil está carregada de negritude, a qual insistem em negar, ter que enfrentar esses processos de crise

identitária é muito complexo, para tanto, a estética negra se apresenta enquanto ponte para lidar com as tentativas de inferiorização social colocada à população negra. A escola tem que imprimir uma reeducação sobre as questões étnico raciais, sobre a figura do negro, sobre os seus discentes e suas identidades múltiplas, pois, a escola aparece como um importante espaço no qual também podemos desenvolver a identidade negra, que se constrói gradualmente, em processos distintos, como vimos anteriormente. Gomes questiona sobre isso: “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente ensina ao negro desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que na escola, estamos atentos a essa questão?” (Gomes, 2003, p. 5). A mesma responde no decorrer de sua tese de doutorado, que existem vários espaços em que a estética negra é vista em uma perspectiva de revalorização da identidade negra, porém, a escola não é um deles.

Gomes (2003) acredita, que ocorreram várias mudanças acerca da ótica em relação a população negra no Brasil, alterações em relação a como o negro se via e era visto em nossa sociedade, porém, ressalta que a escola não se destaca como personagem atuante nessas transformações, atribui participação fundamental do movimento negro e suas militâncias, das famílias negras e dos terreiros, a autora problematiza a ausência de estudos sobre a identidade negra e educação, o que dificulta a ação docente.

O estudo sobre as representações do corpo negro no cotidiano da escola, poderá ser uma contribuição não só para o desvelamento do preconceito e da discriminação racial na escola como também poderá nos ajudar a construir estratégias pedagógicas alternativas que nos possibilitem compreender a importância do corpo na construção da identidade étnico racial de alunos e professores negros (Gomes 2003, p.12).

Mais do que uma relevância educacional, trabalhar a identidade negra nas escolas tem um grande valor social, para tanto, fatores como o compromisso docente e uma formação adequada dos mesmos se apresenta fundamental. A escola tem um desafio colossal acerca da formação e positividade étnica, o qual não pode ser ignorado, sob pena da manutenção de uma sociedade desigual, nem tão pouco, essa obrigação, deve ser designado a outros seguimentos que já contribuem para essas modificações, porém, não podem ser desamparadas pela escola, que tem obrigatoriedade de trabalhar e explanar tal tema. Em relação a esse debate vamos aprofundá-lo melhor no capítulo seguinte, onde terá como eixo principal a educação decolonial

e o ensino de história, por conseguinte, prosseguimos analisando a estética negra e a construção identitária.

Outro fator digno de nossa análise, é a memória. Como esse elemento tão presente na vivência humana propicia a formação da identidade negra? Por se tratar de um elemento interno ao ser humano, a memória é gerada a partir de relativas escolhas, e das interpretações que faço das mesmas, podendo ser essas individuais ou coletivas, porém, isso não significa dizer que a memória compartilhada vai promover o mesmo significado e/ou influenciar do mesmo modo na formação identitária, mesmo quando os indivíduos pertencem a uma mesma etnia, relativo a isso compreende-se que:

Duas ancoragens em torno das quais se fundam identidades são a origem e o acontecimento, às quais Candau se refere como “pedras numerárias”. A lealdade ao passado, marcado por essas âncoras, naturaliza a comunidade pelo lado positivo e dificulta sua transformação, e, por outro lado, elas funcionam como instrumentos que ratificam a filiação a certas identidades. Há uma espécie de pedagogia acerca das origens que deverá compor a identidade narrativa dos sujeitos e que assegure a estrutura identitária do grupo. Portanto, Candau reconhece na origem e nos acontecimentos as principais balizas temporais segundo as quais os processos identitários (a identificação) são possíveis (Matheus, 2011, p.305).

Na fala de Letícia Matheus (2011), baseada nas teorias de Candau, os dois elementos fundamentais na formação identitária, a partir da memória, origem e acontecimento, nos conduzem ao esclarecimento acerca da construção das identidades negras, em nosso país, o sistema educacional, na maioria das vezes, e a maior parte das produções cinematográficas se prende aos acontecimentos referentes a chegada da população negra no território brasileiro, sendo estes extremamente negativo à memória desse povo, causando uma rejeição identitária, adverso a tal, suas origens, sua história anterior ao processo de escravidão se compreende de necessária disseminação, tanto para promover a positivação identitária negra, quanto para compreendermos as heterogeneidades dessa população existentes anterior ao processo de escravidão ocorrido no Brasil. Proporcionarmos uma rememoração acerca da construção identitária negra, apresentando uma ancestralidade positiva dessa etnia, conduz a uma maior aceitação e positivação da imagem do negro. Enxergar as origens dos negros, nos reinos africanos, nas riquezas e desenvolvimento social e político desse povo, trazer a figura a estética dos príncipes e princesas, não associar diretamente a escravos sofredores e cativos, a qual, normalmente são ligados pela memória.

Então compreendemos que, a construção da identidade negra passa por um processo extremamente complexo, onde a estética se mostra presente e relevante para tal, colocando a necessidade de reconstruir sentidos e valorizar negros e negras por meio de uma política não

exclusivamente estética, mas também ideológica e identitária, pois, esses fatores se encontram intimamente relacionados. Assim, vemos a necessidade de desnaturalizar o lugar onde o negro foi colocado dentro de nossa história, e conseqüentemente dentro de nossa sociedade, propiciar nos vários ambientes os quais esse negro e essa negra perpassam e tem acesso a desconstrução de uma imagem negativa, valorizando e não depreciando sua estética, dentro das famílias, nos meios de comunicação, locais de trabalho, nos vários lugares os quais frequentamos e principalmente nas escolas, pretensão dessa pesquisa.

Ter orgulho de suas raízes, entender sua história, reconhecer sua identidade e como ela foi construída ao longo do tempo, são elementos fundamentais para o despertar da negritude, tendo assim, instrumentos para não se render aos processos homogeneizadores que impõe padrões estéticos e usurpam nossas características, nossa identidade e desse modo, resistir, a todos os métodos minimizadores da estética, da cultura, do povo negro. Vamos dar continuidade a nosso debate destacando o ensino de história nesse seguimento, seus conceitos e participação na educação decolonial, salientando o papel do professor e os desafios por ele enfrentado, motivador deste do trabalho apresentado.

ESTÉTICA NEGRA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Como já visto, a escola é um dos primeiros ambientes sociais o qual o ser humano tem acesso e passa a conviver e se relacionar. É nesse local também que o indivíduo passa a conviver, confrontar e debater conceitos já estabelecidos em seu seio familiar. Sendo a escola um reflexo das características da sociedade ao qual ela está inserida; pois é composta por pessoas que trazem consigo suas histórias, suas vivências, suas características; temos na sociedade brasileira um ambiente multicultural e por isso, tão complexo e rico quando nos referimos ao processo de formação escolar. Também é na escola, como fruto desse processo, que o indivíduo passa a formar novos pontos de vista e/ou conhecer e ter contato com novos assuntos, temas e discursões antes não propostos. Por esse motivo, a escola se apresenta tão propícia à debates relacionados a questões ético raciais e a diversidade, fundamentais à nossa sociedade que tem na pluralidade uma das suas principais e mais belas características.

Proporcionar essas discussões em ambiente escolar acaba permitindo o verdadeiro alcance do elo entre a teoria e a prática referente a temática tão sensível ao nosso bem viver. Assim, a escola nos aparece como um personagem mais importante do que aquele que é apenas

responsável em apresentar conteúdos, mas sim, ela pode ser gestora e formadora de uma consciência crítica e voltada para a melhoria do coletivo social. Dessa forma, a escola enquanto ambiente de encontro das pluralidades sociais, onde deve ser construído o diálogo coletivo, se mostra um instrumento fundamental para articular e propagar outras maneiras de ver e principalmente de entender a sociedade gerando uma nova ótica social relativa às questões de raça, identidade, diversidade e por que não, estética negra.

Dentro dessa nova ótica, o diálogo é o que propicia o entendimento de que existem várias outras formas de se olhar e pensar a mesma sociedade, visto que essa é tão diversa. Sendo assim, o conhecimento imposto deixa a sua importância e passa a dar espaço ao fruto da construção das pessoas envolvidas e por consequência, das suas próprias vivências, fazendo com que elas se vejam no conhecimento construído se identifiquem com aquilo que é proposto. Nesse sentido, podemos passar a discutir e valorizar aquilo que há anos vem sendo minimizado ou desconsiderado dentro das discussões escolares, mas que tem sua relevância quando identifica um povo ou étnica: a estética, nesse caso, a estética negra.

É importante esclarecer que se faz necessário determinadas condições que elevem a escola ao lugar de construção coletiva e de diálogo com as pluralidades, pois ainda pode ser percebido um engessamento dos conteúdos propostos, assim como, da metodologia de ensino-aprendizagem limitando esse processo à visão étnica daqueles que por séculos repassam a história sem explicar ou levar em consideração todos os povos envolvidos. Para isso, se mostra necessário o que chamamos de processo de descolonização do currículo escolar (GOMES, 2012), o que consiste em uma mudança profunda nos procedimentos educacionais, na formação e aplicação pedagógicas que são propostos e praticados em nossos ambientes escolares, percebendo esse processo como fundamental para um reflexo positivo em uma sociedade tão necessitada de mudanças nesse e em outros campos sociais.

Para tal, retomaremos a demanda curricular de introdução obrigatória do ensino de história da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de educação básica, sua relevância e proposta para o processo decolonial escolar, destacando assim, a relação entre a escola o currículo e a realidade, pois o que é trabalhado nas escolas e apresentado nos currículos devem estar relacionados e vinculados a realidade social dos discentes, colocando assim a escola como eixo de construção e formação social, preparando e conscientizando cidadãos para o mundo, e não somente para o mercado de trabalho.

No entanto, percebemos que esse processo não é algo simples, muito pelo contrário, é um desafio educacional e principalmente aos educadores, as propostas da Lei 10.639/03 que vão para além de novos conteúdos, ou uma nova disciplina, necessita-se de novas metodologias e práticas capazes de intervir na formação da consciência histórica dos discentes perante a construção social e o papel do negro na mesma, procurando tornar esse personagem visível em nossos currículos e assim favorecer que também se tornem visíveis em sala de aula, não como antagonistas de sua própria história, inferiorizados à categoria de escravos, de uma cultura e religião estigmatizados e de uma estética referenciada como negativa ou feia, por ser destinta da predominância estética branca. O negro teve e tem sua importância dentro do processo histórico da humanidade, assim como é um dos elementos de fundação da sociedade brasileira que é predominantemente miscigenada. Deve ser levado em consideração suas características culturais, assim como, suas características físicas que identificam e expressam enquanto povo, suas rotinas, estética, gostos e preferência.

Para Nilma Limo Gomes (2003), é um desafio para a educação escolar descolonizar os currículos torna-los mais equiparados quanto as abordagens referentes as etnias, suas culturas e história, levando em consideração que mesmo com tantas contestações e questionamentos a cerca desses currículos a história europeia permanece predominante em nossos currículos, o que nos faz acreditar e confirmar a necessidade dessas discursões, para assim tentar fazer uma conexão entre escola, currículo e realidade (Gomes, 2003 p.102).

Sabemos que inovar o currículo e o processo educacional não é algo fácil, nem tão pouco rápido, pois, estamos diante de anos de ensino com uma visão unilateral e preconceituosa da história, por consequência de muitos daqueles que a repassa, mesmo já tendo sido promulgada a Lei 10.639/03 que orienta o ensino de história da África e afro-brasileira nas escolas, mas que no cotidiano ainda observamos muitas dificuldades para a sua aplicação. Por isso, se mostra importante apresentar as dificuldade e percalços muitas vezes deparados por professores em sala de aula quando se propõem a tal atitude, mas também mostrar que tal enfrentamento é possível e mais do que isso necessário.

Portanto, para alcançar esses e outros objetivos, vamos relacionar estética negra e o processo de ensino aprendizagem de história africana e afro-brasileira e refletir o quanto é importante pensar maneiras de se trabalhar a diversidade em sala de aula e os impulsos que as metodologias de conscientização histórica promovem em relação a negritude.

2.1 Ensino de história, educação e diversidade.

Quando se fala em educar para a diversidade, de modo a respeitar a história e considerar as falas e as vivências das diversas etnias estruturantes da nossa sociedade, parece algo óbvio, principalmente em uma sociedade tão diversificada como a nossa, porém, quando se analisa o processo educacional, os elementos que o compõe e a constituição de suas etapas, percebemos ainda muitas dificuldades para realizar essas mudanças tão necessárias para a educação escolar. Nosso sistema educacional ainda apresenta com predominância extrema a história de um continente em relação aos outros, no caso, o continente europeu, esse ainda aparece como o protagonista da história e por consequência todas as outras histórias dos demais continentes se baseiam em seus acontecimentos, rupturas, marcos e transições para estabelecer padrões de desenvolvimento, cultura, religiosidade e beleza.

Estabelecer um continente enquanto parâmetro para a história de todos os outros, propõem uma forma de homogeneização histórica, e assim tudo o que foge desse padrão pode causar estranhamento ou até mesmo uma revelia, tornando nossos receptores, no caso os discentes, fechados ou com maior dificuldade para a conhecer essas outras culturas, ou mesmo, ver elas de forma negativa e inferiorizada, assim como, seus elementos constituintes e descendentes. Isso pode induzir ao imaginário dos estudantes – e aqui destacamos mais uma vez que os estudantes, assim como os demais participantes do corpo docente também fazem parte de uma sociedade maior e mais ampla para fora dos muros do ambiente escolar – que os povos que não fazem parte dessa “cultura padrão” considerada como referência histórica, juntamente com seus descendentes também são inferiores, não possuem importância histórica ou não mereçam ser estudados ou mesmo considerados. Diante dessa reflexão nos interrogamos: Como mudar essa forma de ver as culturas não europeias? De que maneira podemos “descolonizar” a educação considerando as vivências dos principais povos que compõe a formação da nossa sociedade, valorizando suas características, os elementos de suas etnias e não apenas sua história de cárcere e exploração? Verificamos que o estudo da história e a educação para a diversidade são fundamentais nesse processo.

Para Renato Nogueira dos Santo Júnior (2010), em seu texto, “Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado”, as ações afirmativas na educação básica são de fundamental relevância para que essa metodologia seja alcançada, para o autor, os processos de diretrizes curriculares para o ensino de história e cultura africana e afro-

brasileira na educação básica brasileira com destaque para o currículo, são essenciais para se ter uma educação diversificada.

Desse modo, ainda segundo o autor, devemos elucidar que afrocentricidade, não é uma versão negra do eurocentrismo, pois, a ideia aqui não é desvalorizar e/ou minimizar outras culturas não africanas, nem tão pouco supervalorizar alguns costumes africanos, ou apresentar figuras negras aleatórias que conseguiram algum destaque ou realizaram algo importante em sua história ou na história de seu povo. Como raras exceções de pessoas de pele negra que conseguiram vencer na vida, ressaltando que você mesmo sendo negro também consegue, é só parar de se lamentar por sua condição. A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem, cultura e de acordo com seus próprios interesses humanos (Júnior, 2010).

Diferente do que é atualmente colocado – de maneira direta ou subjetivamente – pelo currículo escolar, os negros sempre mantiveram em paralelo à sua vivência de escravidão e segregação, uma história de luta, resistência e afirmação de sua cultura. É justamente essa história, que precisa ser destacada, e em alguns casos, conhecida por toda população brasileira que também é fruto desses elementos, costumes e etnia negra.

Em um currículo afrocentrado, a figura do negro não deve aparecer como uma vítima do desenvolvimento da história europeia, o autor discute a ideia que os negros devem passar a atuar como agentes de sua própria história, com vivências relevantes antes, durante e após o processo de escravidão, não sendo essa apenas a única referência de acontecimento vivenciado pelo povo negro. Normalmente quando se trabalha as populações africanas, sejam elas escravizadas ou exploradas em seu território no processo imperialista, ou em outro momento da história, os negros aparecem como vítimas, coitados, explorados e maltratados e estáticos as diversas formas de violência que sofreram, quase sempre são destacados o tráfico negreiro e o trabalho dos brancos sobre os corpos negros, ignorando a humanidade, cultura e resistência dos povos negros durante esses processos.

Em muitos currículos os povos negros só aparecem enquanto escravizados, como se a sua história começasse ali, e não houvesse toda uma construção histórico-cultural daquele povo antes do processo de escravidão. Os negros são colocados em um papel secundário de sua própria história, entram como agentes do desenvolvimento econômico europeu, sendo deixado de lado os esforços para manter sua cultura, suas raízes e os muitos meios de resistência ao processo de escravidão (Júnior, 2010).

Uma educação voltada para a diversidade, deve buscar compreender as origens dos pensamentos e costumes dos vários povos, nesse caso o povo negro. Deve estabelecer parâmetros que aprofundem a sua visão de mundo e assim compreender sua forma de pensar e agir, percebendo suas afinidades e diferenças, como povos singulares que fazem parte de um todo. Conhecer a cultura negra, seus feitos e costumes, proporciona uma valorização desse povo e por consequência de seus descendentes. Esse processo destaca sua importância como construtor de uma cultura própria, vinculada às suas raízes africanas e permeada de elementos genuínos que são percebidos ainda hoje através das atitudes, modo de vida da população e como exemplo temos a culinária, música, vestimentas e estética. Muito mais que isso, o povo negro ainda resiste quando sente necessidade de ter sua história desvelada e cada vez mais conhecida pela população através da comunidade escolar. Proporcionar o enegrecimento dos parâmetros curriculares nacional e apontando caminhos para um ensino e currículo que tenham uma perspectiva afrocentrada, oferecendo subsídios para enriquecer o debate sobre a educação e diversidade étnicorracial trazendo à cena linhas afrocentradas para uma educação antirracista é um modo de resistência.

Alternativas que podem ser utilizadas para o contato com a história africana para além dos bancos escolares são filmes, peças teatrais, músicas e livros que trabalham de diversas formas essa temática, no entanto, precisamos nos atentar enquanto educadores, para o objetivo, a finalidade dessas obras onde muitas vezes seus autores e produtores nem sempre se preocupam com pesquisas mais aprofundadas ou relatar uma versão decolonial dos acontecimentos. Por esse motivo, é tão importante a escola se prestar ao papel de esclarecedora e interpretadora da história, apresentando de forma lúcida e consciente a importância da sua função dentro da sociedade, da disseminação da história dos povos africanos, e por que não, utilizar esses mesmos materiais para uma análise crítica dessa história e da sociedade perante a diversidade proposta e presente na mesma.

Embora não seja o único, a escola é um dos espaços significativos onde negros e negras transitam desde a infância e onde as representações construídas sobre os mesmos, reforçam estereótipos historicamente produzidos e associados a sua imagem, e muitas vezes, é o lugar onde tem a percepção de sofrerem racismo pela primeira vez, onde podem receber apelidos pejorativos associados à sua cor, cabelos, formas corporais. Como a escola enfrenta essas atitudes, pode fazer toda a diferença na vida dessa criança.

Se o racismo educacional passar despercebido pela criança, sendo muitas vezes entendido por ela como “brincadeira” de seus colegas ou como piadas sendo justificada pelo discurso “sem a intenção de ofender ninguém diretamente” ou ainda sendo amenizada sua gravidade como um “modo de falar”, a escola já falhou no seu papel de instruir e proporcionar conhecimento, pecou na ausência de esclarecimento para a percepção do racismo estrutural existente em nossa sociedade e na escola como parte da mesma. Quando esse é percebido, é de extrema importância que a escola tenha metodologias de enfrentamento a essas situações. Veja bem, eu falei enfrentamento, não punição. Muitas vezes, a criança ao ser punida por atitudes racistas, criam uma aversão ainda maior às etnias diversificadas à sua, afinal ninguém nasce com capacidade para diferenciar ou discriminar nenhuma etnia, tampouco nascem com a capacidade de emitir pensamentos ou atitudes racistas, de alguma maneira essa percepção foi desenvolvida naquela criança, e do mesmo modo deve ser combatida, por meio de uma conscientização e trabalhos pedagógicos que mostrem o dever de respeitar a diversidade. Dentro desse processo de conscientização, é muito importante destacar que a criança tem que não querer ser racista, e não ter vergonha ou receio de mostrar que é racista, a ideia é gerar uma consciência de igualdade e respeito perante todas as etnias, proporcionando uma modificação no modo de ver o mundo e o outro daquela criança.

Desse modo, à escola cabe muito mais do que esperar casos de racismo para reprimi-los, mas sim proporcionar, atividades pedagógicas dentro do currículo formal e extras curriculares para se trabalhar como tema transversal, em conformidade ao que é proposto pela Lei 10.639/03. Assim, antes mesmo que os casos se apresentem na comunidade escolar, é expertise do corpo docente e pedagógico, se antecipar a esse tipo de situação, até mesmo para que professores se sintam à vontade para trabalhar em sala de aula temas sensíveis como as religiões afro-brasileiras, infelizmente ainda vistas com tanto preconceito e discriminação, e sendo muitas vezes questionada a necessidade e/ou importância de trazer a mesma para os bancos escolares, entre outros temas que envolvem os costumes e cultura negra. Percebemos assim, que em diversas situações, além de impor padrões de currículo e conhecimento, como debatido acima, também impõem padrões de estética, ou seja, na escola existe também uma uniformização a respeito do que é ser negro. Nesse sentido, tudo que foge às características estéticas mais comuns de pessoas de pele branca é questionado; cabelos com mais volumes, narizes ou lábios mais grossos, peles de cor mais escura, assim como vestimentas, tipo turbantes, ou outros acessórios que remetam a cultura negra, são muitas vezes alvo de racismo expressado de maneira velada, ou em alguns casos expressados claramente através de agressão

verbal, xingamentos, ou em casos mais graves, agressão física. Isso pode proporcionar aos alunos negros receio ou medo de se expressar com elementos de sua cultura ou simplesmente sentirem vergonha de serem quem são, impactando diretamente na sua autoestima e na maneira de se enxergarem no mundo, no ambiente escolar e no papel que esses alunos vão ocupar na sociedade.

Para desarticular esses padrões é necessário colocar em debate a figura do negro, juntamente com tudo que envolve seus costumes, cultura, religião, estética e para isso, se mostra necessário debater sua história. No entanto, como colocado anteriormente, alguns desses temas ainda são muito sensíveis dentro de nossa sociedade, conseqüentemente, dentro de nossas escolas. Muitos pais não recebem de maneira agradável conteúdos referentes à cultura, sobretudo à religião africana que ainda é muito discriminada e estigmatizada. Por conseguinte, a estética principalmente, dos rituais e celebrações religiosas também passam pelo processo discriminatório e para muitos professores e escolas se torna mais fácil ignorar essa temática do que avançar no preparo e na qualificação profissional de si próprio, para o debate desse assunto, esquivando-se atrás de um discurso questionador da relevância desse tipo de temática em ambiente escolar. Pois, mesmo com a importância histórica e social-cultural do povo negro para a humanidade, esse não é considerado um tema a ser discutido pela pedagogia brasileira (Gomes, 2006, p.112).

Se o debate referente a estética negra já é muito raro em nosso meio social, no meio escolar ela se mostra ainda mais preocupante. Pois, envolve indivíduos em uma fase da vida onde ainda estão construindo sua personalidade, seus gostos e quem querem ser. Se trata de uma fase de incertezas e indecisões. A fase escolar pode se resumir em um momento de construção do ser humano, e nesse momento, tudo o que muitas dessas crianças e adolescentes querem é se encontrar, muitas vezes tudo o que essas pessoas veem, principalmente as pessoas negras, são pessoa muito diferente de si mesmo, na própria escola, na televisão, nas revistas, nas redes sociais, ao seu redor, e tudo o que é considerado bonito é diferente do que ele enxerga no espelho. Esse processo é agravado, quando há a verbalização ou demais manifestações de preconceito, quando essas ações partem de outros adolescentes ou funcionários da escola, que muitas vezes também tem características negras, mas não se enxergam enquanto negros ou que são descontentes com sua etnia.

O ser humano é por excelência, um ser social e se enxergar diferente, na fase da adolescência, por si só já é um problema, visto que é nessa fase que as pessoas geralmente

intensificam sua vida social através da participação de grupo de amigos e da interação com outras pessoas sem a presença efetiva dos pais ou responsáveis. Se sentir participante de um grupo ou aceito por ele é crucial para algumas pessoas nessa fase da vida. No entanto, devido o preconceito o ser considerado diferente ou fora do padrão estabelecido como belo ou agradável, pode causar transtornos, como apelidos, exclusão, discriminação e a maneira como isso é trabalhado em cada caso, como é discutido, refletido, combatido ou ignorado podendo trazer sequelas irreversíveis na vida dessas pessoas.

Como já vimos, uma das maiores fontes de preconceito são as características estéticas dos negros e negras, as formas do corpo, cor da pele e principalmente o cabelo, características as quais esses corpos tem que conviver e não conseguem esconder por fazer parte de si. Muitas ainda tentam camuflar essas características, por meio de procedimentos estéticos que agridem e modificam o corpo e sua estética, correndo o risco de nem sempre serem bem-sucedidos, e em sua maioria não são permanentes, tornando essa modificação um transtorno na vida dessas pessoas.

Muitas crianças e adolescentes que não podem ainda, ou não conseguem ou não querem passar por procedimentos estéticos para se adaptar a esses padrões exigidos e serem aceitos ou considerados bonitos, passam sua infância e adolescência se sentindo fora desse padrão estabelecido como belo, sendo discriminados, excluídos e ofendidos por suas características físicas. Em casos mais extremos, quando esse problema não é identificado e trabalhado pela escola, comprometida com seu papel formador de cidadãos conscientes, esse aluno pode chegar a abandonar a escola como forma de fugir do local o qual que lhe traz sofrimento (Paixão, 2008).

Aparecida Sueli Carneiro (2005), relaciona a evasão escolar a inferiorização da intelectualidade do aluno negro, a não valorização de sua presença no âmbito escolar.

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro (Carneiro, 2005, P.114).

Desse modo, o posicionamento da escola e políticas pedagógicas que tratam da diversidade, se apresentam como elementos essenciais em nossos ambientes escolares, pois, não podemos ignorar as múltiplas etnias existentes e que convivem na sociedade dentro do processo de ensino-aprendizagem. Quando não levamos esse fato em consideração, acabamos negando os corpos pretos, suas culturas e saberes e com isso desvalorizamos tudo que eles são

e o que representam para a sociedade. Para que esses jovens possam amar quem são, suas raízes e identidade, eles têm de ter acesso a sua história. Assim como, gerar respeito a essas etnias por meio do conhecimento é necessário também desmistificar a imagem historicamente construída do negro como vulnerável, escravo, açoitado, covarde, fraco, apático a sua própria exploração. No processo de construção de sua identidade, crianças e jovens precisam de referências positivas a suas imagens e em relação às crianças negras, veem na maioria das vezes sua etnia aparecer na história como seres coisificados, inferiorizados, menosprezados. Ao currículo cabe trazer uma nova ótica sobre os acontecimentos históricos referente a África e seu povo, proporcionando a esses discentes uma imagem que lhes de orgulho de suas raízes não com ênfase no processo de captura e escravidão do povo negro, mas sim em sua cultura, lutas e principalmente de resistência imprimida em suas experiências cotidianas até os dias atuais.

Nas escolas, porém, a imagem do negro ainda é associada a episódios negativos e segundo Aparecida Sueli Carneiro, isso acontece de maneira intencional, negativando e homogeneizando assim, o ser negro como um todo, caracterizando essa etnia de forma pejorativa. Em seu texto, “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser” (Carneiro 2005), se apropria do conceito de “Epstemicídio” de Boa Aventura de Souza (1997)

(...) para quem o epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento. (Carneiro, 2005, p.96)

Portanto, a educação se apresenta aqui como meio de dominação, limitar seu acesso, minimizar os conhecimentos e cultura de um povo, menosprezar as sabedorias de um povo distinto do seu, sobretudo que se pretende dominar, não é por acaso e sim propositado.

O Epstemicídio é um dos meios mais categóricos e permanente da preponderância étnico-racial, por negarem a legitimidade das formas de conhecimento de quem se pretende dominar e não os reconhecer como sujeitos produtores de conhecimento. Dessa forma, a população negra é rejeitada do seio da intelectualidade, tornando sua forma de ver o mundo excluída das formações educacionais, por não serem consideradas conhecimento devido se diferenciarem daquilo que o europeu entende por conhecimento, eliminando assim, tudo que não é de agrado ou considerando estranho para o europeu, busca-se a integração subordinada desses conhecimentos ou a eliminação dos mesmos, o Epstemicídio é a base do modelo operacional do sistema colonial (Carneiro, 2005).

A autora esclarece que, o conceito de Epstemicídio, ajudou a construir essa e outras ideias que minimizam negros e negras quanto ao desempenho intelectual, fazendo com que esses acabem por serem dissimulados pelo imaginário social e impeçam que pessoas negras possam ocupar cargos de liderança ou de destaque na sociedade, pois, esses lugares estariam predestinados a pessoas de pele branca. Essa ideia impediria as pessoas negra de se dedicarem aos estudos, pois já teriam seus lugares estabelecidos em nossa sociedade, mas afinal, o que seria o Epstemicídio? Boa Aventura de Sousa, conceitua como a destruição ou não aceitação de formas de conhecimento e culturas que não são assimiladas pela cultura do Oriente branco.

Desse modo, não se trata apenas de uma tentativa de desqualificar somente o conhecimento desse grupo, mais também o próprio grupo, toda a etnia ao qual ela é ligada, pois o conhecimento leva a obtenção de possibilidades, de melhorias. É através do conhecimento que se pode ter uma melhoria em vários aspectos, uma evolução. Os pensadores dessa teoria sabiam que através do conhecimento poderiam se conseguir uma dominação mais completa e eficaz de um povo buscando dominar não só o corpo, mas também a mente. A valorização da estética negra é uma forma de liberação do corpo negro, de conexão as suas origens, de identificação com uma cultura, com um povo. E essa identificação gera motivação e poder.

Para esclarecer a dominação étnico racial por meio intelectual. A autora explana a existência do que ela chama de um dispositivo de biopoder na sociedade brasileira, o qual estabelece os papéis sociais, as funções e atividade. A autora chama de “contrato racial”, que seria a ideia de que dentro da nossa sociedade existem funções/empregos de pessoas negras, e do mesmo modo, funções/empregos de pessoas brancas, ou que pelo menos as etnias seriam predominantes dentro de algumas atividades, e os negros e negras estariam presentes em sua maioria em funções braças e não intelectuais.

Cabe a escola romper com esse ciclo de inferiorização corporal e mental, pois em muitos casos, o próprio processo educacional destinados aos negros, que não tem uma educação de qualidade reforça essa submissão intelectual e os alunos negros acabam tendo seu desempenho escolar relacionado a sua cultura e raça e não a esse sistema educacional deficitário. Por isso, o sistema educação brasileiro deve ter essa preocupação, pois inicialmente não o teve visto que, desde o princípio desse sistema, a grande preocupação era conter de alguma forma a população negra que agora livre corporalmente teriam suas mentes aprisionadas pela ausência do desenvolvimento de seu conhecimento, e sem o mesmo seria bem mais fácil conter revoltas e insatisfações negras, fazendo assim, com que eles acreditassem que a liberdade física já seria o

suficiente. A educação leva ao esclarecimento e ao questionamento, e isso era tudo o que as elites brasileiras não queriam e permanecem não querendo, negros questionando a estrutura hierárquica da sociedade brasileira (Carneiro, 2005).

Um sistema educacional fechado às diversidades, reforça as mazelas existentes em nossa sociedade, entre elas o racismo e preconceito. A exclusão e a ausência de acessos do negro ao sistema educacional de qualidade dificultam ainda mais a inserção desse negro a sociedade, pois, os mesmos são forçados a permanecerem nos lugares, leia-se função/profissão, a eles impostos, com a justificativa de falta ou baixa qualificação. Para Carneiro (2005), a organização educacional foi pensada para a manutenção da hierarquia social, para tanto, sucateia-se a educação pública, frequentada por uma maioria negra, enquanto a classe média branca pode pagar pela qualidade de ensino almejada. Inicialmente, no período colonial, se controlava a quantidade de pessoas que tinham acesso à educação, agora contemporaneamente controla-se a qualidade da educação oferecida a população negra.

Em “Escolarização de homens negros”, Bell Hooks (2015) retrata o estereótipo masculino negro, que era visto como trabalhadores braças e teriam tendência a força e a trabalhos manuais. Na obra ela discute o fato de os homens negros serem tendenciados a não pensar, refletir, estudar, pois, esses elementos não seriam parte de sua natureza, por isso, as crianças negras e pobres não seriam ensináveis, e teriam dificuldades com questões intelectuais e em aprender e eram repreendidos quando teimosamente o faziam. Negros pensando, refletindo, sobretudo questionando sempre foi visto pela classe branca como perigoso e inadequado (Hooks, 2015).

A autora reforça a ideia de que existem funções/ atividades na sociedade que são específicas de pessoas negras as quais são destinadas a elas pelo simples fato de serem pessoas negras, assim como, existem funções que devem ser executadas predominantemente por pessoas brancas, e que fugir desse estereótipo pode causar uma rejeição social. Homens negros intelectuais, não são bem aceitos e/ou tem sua masculinidade questionada, e independente de sua escolarização, sempre será visto com inferioridade, pois ali não é seu “lugar”. Para a autora o preconceito racial dentro da escola transforma a percepção em relação a educação, pois a rejeição da escola em relação a pessoas negras, gera nela uma rejeição em relação a escola, fazendo com que a mesma perca o interesse pelo ambiente escola e não queira mais frequentar a escola, ou diminua significativamente seu interesse por esse local, tão importante para seu desenvolvimento social (Hooks, 2015).

Na escola pública, pouco se estimula os alunos a almejem prestar vestibular ou faculdade, a maior parte dos alunos esperam apenas concluir sua educação básica, e conseguir se inserir no mercado de trabalho de alguma forma, sobretudo se forem negros, esse pensamento por muitas vezes, ainda é reforçado pelos professores que não vislumbram nesses alunos negros perspectivas de um futuro de qualidade ou ainda, um futuro distinto naquele destinado aos negros que os antecederam, conduzindo os próprios discente a não acreditarem que podem ser muito além do que seus antepassados. Da mesma forma, que outrem foram privados de sua liberdade, violentados e assim condicionados à cativos, esses estão sendo tolhidos de alcançar uma liberdade intelectual e cultural, naturalizando assim o “lugar do negro” na sociedade brasileira.

Para que esse negro, sobre tudo o que vive de maneira mais pobre, procure uma alteração em seu meio social, o processo educacional é visto como uma das poucas chances de melhoria de vida dessa população, porém, para além da falta de incentivo, as dificuldades financeiras, ideológicas, o preconceito e a falta de oportunidades acabam atrapalhando o acesso à essa educação. Muitos desse alunos são obrigados a trabalhar nos contraturnos de aulas para ajudar financeiramente sua família, ou ainda, contribuem em atividades domésticas para que os pais possam trabalhar fora e sustentá-los, dificultando e tomando um tempo que seria de estudo, enquanto outro jovens da mesma idade, mas de condições diferentes podem se dedicar exclusivamente aos estudos, a escola tende ser perspicaz para perceber e saber lidar com essa distinção de alunos. Vemos com essas reflexões o tamanho da responsabilidade do ambiente escolar diante das mazelas da nossa sociedade, o quanto precisamos levar a sério a construção do futuro dos nossos jovens e crianças que depende desse conhecimento produzido e repassado em sala de aula pra modificarem suas vidas e muitas vezes de suas famílias. Em especial, crianças e jovens negros, que além de todas as dificuldades próprias da idade e do processo de crescimento, ainda tem que lidar com uma sociedade preconceituosa, que os pré-julga e descredifica. Fortalecer a cultura negra através do ensino, é proporcionar que todos conheçam a força, a beleza e a resistência desse povo. E isso é bem mais que uma função da escola, é o seu dever!

2.2 Educação decolonial: Um desafio docente

Ao se pensar a educação escolar e suas funções sociais, se espera que os discentes não saiam da escola do mesmo modo que entraram, espera-se mudanças, no modo de pensar, agir e principalmente, de ver o mundo, porém, o nosso sistema de ensino muitas vezes conteudista,

nem sempre é capaz de proporcionar esse despertar para o mundo e mudanças tão necessários para a nossa coletividade.

Em nosso sistema escolar, ainda se vê uma história unilateral, quando se encontra parcelas da história africana, em meio ao conteúdo da disciplina história, ainda assim, é muito desproporcional a presença da história europeia. A história que é apresentada nas escolas é uma história dos brancos europeus; o negro, mestiço, ameríndio, são sempre coadjuvantes, os coitadinhos, na evolução e desenvolvimento social humano, parecem que não contribuíram em nada e muitas vezes ainda atrapalharam, se julgando donos das terras as quais os brancos europeus descobriram e desejavam levar à civilização e ao desenvolvimento (Júnior, 2010).

Nossa história é contada sobre uma perspectiva, perspectiva essa colonizadora. E a outra parte da história que nos é negada? Essa é ignorada e/ou minimizada, fazendo com que uma grande parte dos educandos não se sintam representados em nossa história. Sem essa representação, como se enxergar na história? Por este e outros motivos, se mostra basilar fomentar uma criticidade nos discentes em relação a formação de nossa sociedade e sobretudo, em relação a nossa história, porém, nosso currículo se encontra engessado na história europeia, nosso currículo ainda está colonizado, preso nos moldes e pensamentos coloniais, os quais dão preferência e supervaloriza a cultura e história de quem colonizou e reprimiu as demais culturas e povos.

Desse modo, o conceito de colonialismo, apresenta uma ambiguidade, pois, apesar do término do período colonial brasileiro, territorialmente falando, ainda se mantém um colonialismo mental, um predomínio ideológico europeu, o qual denomina-se de colonialidade, esse processo se observa nos currículos escolares, que privilegiam a presença da história e cultura do colonizador, à história dos colonizados. Tais influências, afetam a formação da consciência histórica no Brasil a medida em que remontam no território nacional tradições e organizações sociopolíticas e culturais eurocêntricas com caráter hegemônico.

A banalização do discurso eurocêntrico nos bancos escolares, nos leva a inquietação em relação a formação identitária da comunidade escolar, assim como, de nossa sociedade, já que a escola é reflexo da sociedade em que vivemos. Renato Nogueira (2010), elucida que, há necessidade de ações afirmativas na educação, para tornar o currículo mais afrocentrado; o mesmo ressalta que a ideia não é excluir ou minimizar a história europeia, mas sim, proporcionar uma nova ótica acerca da história africana, onde os africanos escravizados possam

se tornar protagonistas de suas próprias histórias, não apenas vítimas passivas do processo de expansão territorial europeu (Santos Junior, 2010).

Nilma Lino Gomes (2002), ressalta em seu texto: “Educação e identidade negra”, a relevância de um processo educacional articulado com a identidade negra e a presença de políticas públicas para esse segmento. Para a autora, a educação contribui para o processo de humanização das pessoas, destaca que não se pode responsabilizar então somente a escola, mas que a mesma é de fundamental importância e em seu trabalho, se restringe a analisar a mesma, pois, para ela a escola não pode ser um local de se debater apenas conteúdos e saberes escolares, mas também valores, crenças e hábitos e porque não preconceitos. Desse modo, a escola se mostra como um dos lugares fundamentais para a construção da identidade dos indivíduos, portanto, interfere e/ou contribui para a construção da identidade negra. Por isso, a autora destaca que: “O olhar lançado sobre o negro e sua cultura no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças, quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las” (Gomes, 2002. p.2). Dessa forma, podemos perceber a relevância da escola no processo de formação identitária de uma pessoa, pois, a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar.

Segundo a autora, a própria estrutura da escola brasileira do modo como é pensada e executada, exclui o alunato negro e pobre de diversas formas, entre elas não debatendo ou debatendo de forma superficial as questões étnico raciais. Trabalhar o processo de escravidão no Brasil colonial e a vinda de negros escravizados para cá, sem problematizar e contextualizar essas questões, não é debater questões étnico raciais; achar que agora tudo mudou, que os mesmos foram inseridos à nossa sociedade a partir da abolição, destacando os negros de sucesso e de grande relevância social, sem apresentar suas lutas e resistências é conservar o negro na figura de objeto; não debater os reflexos da presença desse negro em nossa sociedade e manter negros em senzalas e navios tumbeiros.

Para Anderson Ribeiro Oliva (2012), a sociedade brasileira é composta por uma diversidade cultural, e compreender suas especificidades em um determinado meio é o que podemos chamar de multiculturalismo. Desse modo, acreditar que todos fazemos parte de uma mesma formação identitária ou mesmo tentar homogeneizar nossa sociedade, é negar as anuências geradas por uma sociedade dispare, seus percalços e preconceitos. No momento em que nós reconhecemos como uma sociedade multicultural, nos enxergamos diferentes, (nem superior, nem inferior) e respeitando isso, podemos perceber nossa ancestralidade. Mas como

valorizar o que não se conhece? Como se identificar ou respeitar o que nunca ouvi falar? Ou ouvi de forma equivocada?

A carência de debate em relação a temática das populações negras, nos leva ao um silenciamento dos problemas existentes em nossa contemporaneidade, como, racismo, preconceitos, discriminações e violência, desse modo, se mostra imprescindível resgatar esse discurso em sala de aula em meio a uma parcela de nossa sociedade, para que desse modo, possamos formar cidadãos conscientes do multiculturalismo e da diversidade social a qual fazem parte. Para Olivar somos

Herdeiros de uma escola que privilegiou, em grande parte de sua trajetória, conteúdos eurocêntricos, vivemos hoje a urgência de rever conteúdos e temas formativos em nossos bancos escolares. Se adotarmos o paradigma identitário anteriormente apresentado – o das Identidades e Culturas Plurais que compõem a Identidade Nacional -, torna-se óbvio o fato de que no trabalho com História, Geografia, Artes, Literatura, Filosofia e Música não podemos valorizar, ensinar e aprender padrões de conhecimento relativos a apenas uma matriz formativa, no caso a europeia. Precisamos conhecer, reconhecer, valorizar e respeitar as outras matrizes que participaram dessa formação – por exemplo, as africanas, as asiáticas e as indígenas (Olivar, 2009, p.42).

Como analisa o autor, a escola tem um papel de extrema importância no despertar da consciência histórica, desse modo, a mesma não deve se restringir a uma educação unilateral, ou voltada para uma única vertente identitária, para isso se faz necessário a abordagem das demais etnias formadoras de nossa sociedade em ambiente escolar, justificando a relevância da legislação que tem como proposta um redimensionamento da memória histórica.

A partir de tudo que conseguimos debater até aqui, se torna inegável a importância do papel da escola, assim como da disciplina história, na análise crítica da formação e construção de nossa sociedade, esse disciplina escolar, personificada na figura do professor tem a responsabilidade de conduzir os discentes a uma reflexão sobre as problemáticas do presente e do passado, ajudando o alunato a desenvolver pensamentos críticos em relação as diversas temáticas que nos permeiam, conduzir os discentes a enxergar o mundo com uma visão mais questionadora, para tanto uma educação decolonial se apresenta indispensável no ambiente escolar e na formação de cidadãos conscientes de sua identidade, origem e sociedade.

Levando em consideração a grande relevância desse tema para a comunidade escolar, assim como, para a sociedade em que vivemos, em pesquisa anterior, referente ao trabalho de conclusão de curso de minha primeira pós- graduação, Especialização para as Relações Étnico Raciais, promovida pelo Instituto Federal do Pará – IFPA, foi feita uma entrevista, em relação a como estava sendo aplicada a lei 10.639/03, com os professores da rede estadual do bairro Apeú, em Castanhal-PA, os quais alegavam, em sua maioria, que a grande dificuldade em

colocar a lei em prática, era o fato de não saberem como executá-la, de não terem um preparo ou mesmo, de não terem recebido alguma instrução sobre como deveriam trabalhar as questões étnico raciais dentro de sala de aula, alguns professores ainda, acreditavam que era responsabilidade tão somente da disciplina história se reter a essas questões. Desse modo, busca-se por meio deste, apresentar uma alternativa para sanar essa problemática, não só dos professores entrevistados, mas sim, de todos aqueles que se interessarem por tal temática e pelo mesmo motivo não cumprem a lei. Essa proposta, gera uma visibilidade ao tema no âmbito escolar e social.

Para tanto, é indispensável formar uma nova representação de educadores, preocupados em apresentar em sala de aula essa temática, revelando uma história nacional voltada para as diversidades que compõe sua formação, se desvinculando de uma história eurocêntrica. No entanto, é importante ressaltar que o objetivo da lei, assim como desse trabalho, não é negar ou excluir a história europeia, pois, o problema não está em afirmar uma cultura e sim em negar a outra (Krauss & Rosa, 2010, p.861).

Enquanto professores, temos a responsabilidade na formação de pessoas com consciência crítica e capazes de perceber a sociedade a qual vivemos, o que vai além do repassar conteúdos, pois, esses procedimentos remontam aos tradicionais modelos eurocêntricos, justificando assim, a necessidade de metodologias que abordem a história africana e afro-brasileira em suas práxis.

Pensar um diálogo acerca das questões étnico-raciais é sem dúvida algo de extrema importância para a sociedade, independente de uma legislação que nos obrigue a isso. Se para efetuarmos a escolha dos conteúdos que devem ou não estar presentes nos currículos escolares, temos que levar em consideração a realidade, contexto e contemporaneidade dos discentes, é inegável que essa temática se mostra atualizada acerca do convívio da nossa sociedade como um todo, e assim sendo, também na realidade de boa parte dos nossos alunos.

Estudar história requer uma compreensão social, não apenas das sociedades estudadas, mas da nossa própria, compreensão das estruturas as quais compõe esses grupos e restaurar as características e procedimentos usados, percebendo permanências e rupturas geradas por esses processos. Dentro da escola, se percebe muitas vezes apenas reproduções do saber docente, porém, a escola tem o papel de análise, debate e produção de conhecimento, quando não se tem essa percepção o ambiente escolar se torna restritivo em relação a seu desempenho social.

A formação da consciência histórica nacional, apresenta aspectos diversos acerca de sua composição. A própria historiografia brasileira nos remete a um entendimento da formação da

população brasileira unilateral, pois, em sua própria formação nos é apresentando uma valorização dos aspectos colonialistas. Dessa forma, se mostra imprescindível discutir historiograficamente vertentes voltadas para as questões éticas raciais. Tendo em vista que, a cultura histórica pode ser manejada por interesses políticos, levando assim a uma legitimação do discurso de dominação (Rusen, 2007, p.87).

A função da escola não é tão somente repassar conteúdos pré-estabelecidos, que levem os discentes a absorção de conhecimentos prontos e acabados e tidos como oficiais. A escola tem por obrigação formar pessoas aptas a pensar, analisar e criticar sua própria sociedade, abrangendo assim suas mazelas e dificuldades a partir de sua realidade, de seu cotidiano, compreendendo os acontecimentos de seu dia a dia por meio dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Trazer a questão da estética negra como forma de resistência para a nossa contemporaneidade, é mostrar que esse povo foi muito além de escravo, decodificar suas simbologias e significados a partir de seu modo de vestir, se pentear, se adornar e apresentar sua cultura, sua religião, seus hábitos e costumes, e desse modo “descoisificar” os objetos trazidos em navios tumbeiros para a América e humaniza-los como parte de nossa identidade, elemento fundamental do que somos, tirar os escravizados de dentro das senzalas, as quais se mostram retidos. Percebendo assim, que esses navios negreiros não trouxeram apenas mão de obra, mas sim, uma diversidade cultural, distinta das já existentes no território brasileiro.

Compreendermos a pessoa negra e sua estética, nos dias atuais é de extrema importância, pois, só se tornaram reconhecidos por meio de um entendimento histórico, gerados através de uma apreensão e reflexão acerca da consciência crítica voltada para o seu papel de protagonismo na história e em nossa sociedade contemporânea. Para tanto, o entendimento temporal histórico se mostra fundamental, e o professor de história, tem a responsabilidade de esclarecer, elucidar e debater esses acontecimentos e emergir os fatos históricos fundamentais para a compreensão de nossa sociedade.

Apesar dos avanços educacionais, só a partir da lei 10.639/03, se proporciona a temática africana para a maior parte das salas de aulas no contexto educacional brasileiro. Apesar de sua incontestável relevância, muitos professores apresentam dificuldades em trabalhar essa temática. Segundo os estudos divulgados pelos professores Mauro e Wilma Coelho (2015), na região norte do Brasil alguns poucos professores trabalhavam história africana em sala de aula anterior a legislação que a obriga, porém, os mesmos relatam as dificuldades que tinham e

muitos ainda o têm, ao abordar esse tema, destacando a extrema necessidade de uma formação continuada e qualificação para abordarem essas questões em sala de aula (Coelho, 2015. p. 295).

Os autores mostram que a educação tem um papel primordial, sobretudo, no âmbito social, ressaltando ainda mais a importância desse tema ser trabalhado com os discentes, e do mesmo modo, levando a questionamentos de narrativas históricas já consolidadas, proporcionando instrumentos de luta contra a discriminação e preconceito, desconstruindo uma história eurocêntrica e de heróis colonizadores. Segundo os autores: “Os instrumentos legais, então, propõem o redirecionamento da memória histórica, ao compreendê-la como fator estruturante para a conformação das noções de pertencimento, em relação as quais os agentes sociais estabelecem formas de identificação” (Coelho, 2015. p. 286).

Percebemos assim, que para os autores, mais que uma necessidade educacional, debater as questões étnico raciais é um anseio social e estrutural, cabe a escola ser a pioneira nessa abordagem, proporcionando uma educação preocupada com a sociedade a qual está sendo formada, pois, como os mesmos autores abordam, na escola por meio da contrafação da memória a consciência histórica é formada.

Para tanto, os docentes devem aceitar esse desafio transformador, e enfrentar todas as dificuldades existentes no processo de ensino aprendizagem como um todo, assim como, em nossa sociedade, que muitas vezes desvaloriza, duvida e questiona o papel e a importância do professor, porém, devemos ver como uma missão dos professores, desnaturalizar as desigualdades raciais, e trazê-la à tona. Trabalhar a identidade negra na escola é questionar não só os negros sobre as questões raciais, mas também os sujeitos que pertencem a outros segmentos étnicos com os quais eles convivem. Uma proposta para inserção desses debates, é a estética negra, a qual, pode ser considerada uma das formas contemporâneas de resistência negra e tentativa de romper o processo de coisificação social imposta a esse negro. Construindo assim, novas práticas pedagógicas capazes de sensibilizar para o quão complexa é a construção da identidade negra no Brasil, e contribuindo assim, para inserção e identificação do negro com o sistema escola (Gomes, 2002).

A proposta da decolonialidade nos leva a pensar de qual maneira a historiografia brasileira foi sendo constituída? As estruturas políticas de poder são as que estabelecem o controle educacional e social, que apresentam ainda hoje uma configuração colonizadora, não se preocupando assim, em desconstruir esse método ao longo do processo educacional consequentemente social. Cabe aos sistemas educacionais e docentes se sobreporem e

estabelecerem meios que apresentem as culturas e tradições dos povos marginalizados durante nossa colonização para dessa forma, dar à uma vertente ignorada em nossa história, uma nova visibilidade.

Os desafios dados ao professor são muitos, e tantas vezes não se tem apoio ou mesmo, incentivo para proporcionar o melhor que podemos ao sistema educacional e a nossos alunos, pensar a educação para além de uma formação formal, nos traz a responsabilidade social de auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a final, mas do que conduzir o alunato a uma formação profissional, temos a responsabilidade de formar cidadãos.

ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

Como vimos no capítulo anterior, muitos professores encontram dificuldades para trabalhar as questões étnico raciais em sala de aula, muitos alegam não ter os devidos conhecimentos necessários para desenvolver aulas sobre o tema, ou mesmo, não encontram alternativas para de forma efetiva travar esse tipo de debate em suas aulas, para com seus alunos, e de fato a ausência de formação, conduz a dificuldades para se tratar uma temática tão sensível a nossa sociedade e tão importante no âmbito escolar.

Dessa forma, buscamos aqui, uma proposta para a decolonização da educação, onde se valoriza e se destaca a cultura e a história africana e afro-brasileira, em meio a história e a cultura do colonizador. Para Quijano (1995), a decolonialidade é a resposta a consciência do processo colonial, o qual faz parte da nossa história estabelecida em nossa construção étnica, tornado perceptível assim, nossa formação múltipla, muitas vezes negada por meio de discursos que defendem uma unidade identitária imaginária.

O não reconhecimento e desvalorização das matrizes africanas se estenderam por mais de trezentos anos no Brasil, demonstrando que ainda estamos muito longe de sanar essa dívida. Entretanto, as pesquisas historiográficas se debruçam nas problematizações políticas, sociais e culturais, pondo em observação aspectos ligados ao ensino, o qual assume a responsabilidade de atenuar a invisibilidade dos povos africanos em meio a nossa história e sociedade. Percebido quando vislumbramos atividades que nos remetem a cultura africana e afro-brasileira, sendo desenvolvidas em meios educacionais, como propõem o presente trabalho.

A estética africana aparece como uma estratégia de ensino para reverter esse quadro de maneira prazerosa e agradável. Assim, passamos a conhecer o que desconhecíamos em nossa

cultura sobre os valores civilizatórios e as heranças africanas encobertas pelo modelo eurocêntrico vigente por séculos, modelo este, o qual, fez com que ofuscasse em nosso meio a importância das raízes africanas na construção da identidade nacional. Acreditamos, porém, que a escola como um espaço de discussão e diálogo precisa incorporar o enfrentamento a esses elementos constitutivos e estruturantes das grandes desigualdades brasileiras ligadas a questão da raça.

Este projeto busca, ampliar os conhecimentos em relação a proposta de trabalho referentes à história e cultura africana e afro-brasileira e refletir acerca de sua importância para a vida da escola, destacando os resultados e as mudanças ocorridas nos discentes, por meio do processo de posituação da imagem e cultura africana no ambiente escolar e conseqüentemente em nossa sociedade. Agora, vamos apresentar uma nova alternativa de aula de história com a temática referente a resistência da população negra aos processos de escravidão e dominação imperialista, assim como, sua dominação cultural e estética. Trazendo para a contemporaneidade esse discurso, como alternativa para se tornar mais interessante e chamar a atenção do jovem para tal debate.

3.1 Descrição do projeto

Com esse projeto, buscamos gerar uma visibilidade e debate do tema das relações étnico raciais e história africana e afro-brasileira dentro das escolas, dando assim, uma alternativa e inspiração para possibilitar os debates raciais em sala de aula, assim como, o autorreconhecimento identitário referente a cultura, estética negra e negritude, através de projetos educacionais. Pretendemos provocar debates sobre a estética negra, para desse modo, positivar a mesma, propomos o desenvolvimento de um vídeo documentário voltado para o público negro e para a valorização de sua estética.

É sem dúvida um grande desafio, tentar inspirar uma nova consciência história em adolescentes e jovens, por isso, se busca proporcionar tal elemento da maneira mais prazerosa possível, por esse motivo, escolhemos um projeto educacional e a produção de um vídeo documentário, produzido pelos próprios discentes, para suscitar nossa pretensão. A maior parte dos jovens, passam boa parte de seu tempo livre em redes sociais e em aplicativos de vídeos, hoje com o avanço tecnológico se torna mais simples para os mesmos produzirem seus próprios vídeos, terem acesso a plataformas que conduzem a essa produção e materiais que permitem a eles com facilidade fazer vídeos, como câmeras e smart phones.

Para a aplicabilidade desses do projeto, foram escolhidas as turmas do primeiro e terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Bosco, a referida escola fica localizada na rua Dom Bosco número 122, no bairro Ponta da Agulha no município de Salinópolis, Pará. A escola possui cerca de 1.120 alunos entre os dois seguimentos que se propõe a oferecer; em sua origem era de cunho confessional, sobre a gestão da ordem salesiana, quando foi repassada ao governo do Estado, permanecendo com caráter religioso e com a presença das irmãs salesianas.

A escola em questão, busca incentivar e aplicar projetos de cunho social, assim como, se preocupa com a formação ética e religiosa dos seus alunos, o que proporcionou uma facilidade e aceitação da aplicação do projeto, pois, a escola possui um histórico e espaço em sua carga horária para a inserção de projetos educacionais.

As turmas escolhidas para a aplicação do projeto foram as turmas do primeiros e terceiros anos do ensino médio, pois são turmas bem participativas e possuem uma carga horária destinada a projetos na área de ciências humanas e suas tecnologias, e um conteúdo em sua matriz curricular voltada para as questões étnicos raciais. A escolas Dom Bosco possuía no ano de aplicação do projeto, o ano de 2023, quatro primeiros anos e 3 três terceiros anos, com cerca de 40 alunos regularmente matriculados, porém, nem todos participaram do projeto, por diversos motivos, entre eles, por estarem ausentes no dia da aplicação do questionário e/ou de outras fases de aplicação do projeto, por desistência escolar, ou por não se disponibilizarem a responder o questionário, já que a participação nas entrevistas não foi obrigatória, assim como, a identificação nos questionários de entrevista, para que assim, pudessem se sentir mais à vontade de responder as perguntas e poderem responder sem receios e de forma sincera.

Dentro do conteúdo do ensino médio estabelecido pela BNCC, (Base Nacional Comum Curricular) o primeiro ano do mesmo seguimento, apresenta assuntos relativos ao processo imperialista no século XIX, existente no mundo durante o período expansionista neocolonial. Já no terceiro ano, ainda do ensino médio, a BNCC, estabelece o estudo do período colonial brasileiro, juntamente com a chegada da população africana em nosso território e sua exploração aqui estabelecida, seu papel no desenvolvimento econômico brasileiro e seus processos de resistência a escravidão. Pretende-se quando apresentar tais conteúdos, propiciar uma nova ótica em relação ao negro em meio a esses momentos históricos, distanciando esse personagem da coisificação imposta durante esses períodos. Pretende-se também correlacionar o processo de aprendizagem das duas séries escolhidas, proporcionando uma troca de

conhecimento teórico a partir dos conteúdos estudados, assim como, das experiências vividas por eles em seus cotidianos, como também, os conhecimentos adquiridos durante o desenvolvimento do projeto proposto.

No terceiro ano do ensino médio a figura do negro aparece ainda completamente inserido no sistema escravagista colonial, apresentado de forma coletiva, homogênea e desnacionalizada, “os escravos brasileiros”, sendo ignorado suas diversas origens dentro do continente africano, suas peculiaridades e características distintas, e se apresenta pacífico ou ainda condizente a sua nova condição de escravizado. Durante a aula com o conteúdo intitulado: “Formas de resistência negra ao sistema colonial brasileiro”, se debate o papel do negro dentro desse sistema, e como ele era visto por aquela sociedade escravista, porém, apesar do medo pela violência e represálias sofridas, eles não eram apáticos a sua condição, apresentavam várias formas de resistir e tentar sanar essa condição, como: colocar fogo nas plantações, quebrar suas ferramentas, fugir das fazendas, manter as escondidas seus credos religiosos, entre outros, após apresentar essas e outras formas de resistência, vamos abrir para debate a partir das perguntas norteadoras: Qual a forma de resistência negra no Brasil colonial mais lhe chamou a atenção?; Hoje em dia, ainda precisamos resistir? A que e por quê? Como podemos resistir nos dias de hoje? Deixaremos com que os alunos falem e apresentem suas percepções sobre o assunto.

A proposta do presente trabalho é questionar e/ou problematizar tal apresentação da figura negra, nos conteúdos escolares, dentro do sistema escravista colonial no Brasil, e durante o imperialismo europeu, por meio de projeto que apresentem e ilustre formas de resistência negra nesse período, e como essas resistências se dão em nossa contemporaneidade, as atividades iniciaram por meios de debates, acerca das formas de resistência negra, suas mudanças e permanências, tanto no primeiro ano quanto no terceiro de forma separada, para propiciar um ambiente mais acolhedor que permita aos alunos se sentirem mais à vontade para falar e expor suas opiniões e visões, referentes ao assunto proposto.

Em um segundo momento, como as turmas do primeiro ano, será realizado a oficina “A imagem do negro na sociedade brasileira.” Essa oficina inicia com o teste da imagem, tal teste consiste em dividir a turma em dois grupos, o primeiro grupo é apresentado a imagens de pessoas realizando várias atividades e os mesmo tem que verbalizar o que estão vendo, todas as pessoas das imagens são brancas; logo após, trabalharemos com o segundo grupo separadamente, onde os mesmo, também serão apresentados a imagens de pessoas realizando as mesmas atividades das imagens do primeiro grupo, porém, todas as pessoas dessa vez são negras, e a mesma pergunta será questionada: “O que eles estão visualizando ao terem contato

com as imagens?” Logo após une-se os grupos e abrimos para roda de conversa, compartilhando as percepções que tiveram, o que perceberam a partir das respostas dadas e as anuências sobre o tema, despertando a percepção de como o negro é visto em nossa sociedade, tendo como alicerce a ótica fornecida por Hooks (2015).

O reconhecimento identitário, ou mesmo, o respeito à identidade do outro, se torna uma atividade necessária, sobretudo, no âmbito social e escolar. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico do objeto de estudo e se utilizou de contato com os alunos, nas aulas, procurando perceber o conhecimento da história e cultura africana e afro-brasileira, o qual os mesmos possuem, recolhendo assim, dados que auxiliem na interpretação e conhecimento da realidade dos alunos acerca do cenário escolar, no processo de aplicação do assunto referente a cultura e história africana e afro-brasileira.

A valorização da cultura africana e afro-brasileira, conduzidos por meio de projetos educacionais, propiciam a possibilidade de uma formação social destituída de preconceitos e discriminação, pela oportunidade de se ter acesso ao conhecimento de uma outra cultura em suas reais faces. É papel da educação e da história proporcionar aos discentes acessos a essa nova construção histórica, a qual, não supervaloriza simplesmente a cultura africana, mas apresenta de forma igualitária todas as vertentes de nossa formação étnica.

Em um segundo momento, ainda com as turmas do primeiro ano, na tentativa de dar andamento a nossos debates e materializarmos os mesmos, será realizada a oficina, “Construindo nosso documentário”, onde apresentaremos a proposta de confeccionarmos um vídeo documentário com a temática: “A estética negra na sociedade brasileira”. Dividimos os discentes em equipes, e junto a eles, auxiliamos, o desenvolvimento e confecção dos vídeos documentários, sobre a supervisão e orientação da professora de história, que orientou como os mesmos deveria ser produzido.

O material produzido, objetivará proporcionar uma nova ótica sobre a imagem da população negra e sua estética, proporcionando uma positivação da mesma, desmistificando a ideia de democracia racial, e ausências de preconceitos contemporâneos. Com os videodocumentários produzidos, os discentes poderão expor suas experiências no processo de pesquisa e produção do mesmo, o que acharam do trabalho e como o mesmo contribuiu ou não em sua percepção da sociedade em que vivemos. O material proposto, servirá ainda como suporte educacional para embasar debates sobre a resistência negra por meio de sua estética contemporânea.

Com os vídeos produzidos, foi proposto aos discentes do primeiro ano, um compartilhamento de conhecimento com os alunos do terceiro ano, através da apresentação de seus vídeos documentários para as referidas turmas, após a apresentação de alguns vídeos documentários, foi aberto um debate entre as duas turmas, debate esse, referente aos vídeos documentários e as experiências vividas na produção dos mesmos e nas aulas, e em suas vivências cotidianas.

Após essa troca exercida pelos discentes, em um outro momento, foi realizado uma entrevista, feita pelos alunos do primeiro ano, com os alunos do terceiro ano, entrevista esta, realizada com o objetivo de perceber a percepção dos discentes em relação a estética negra, sua valorização e importância de debate de tal tema em meio educacional, segundo as percepções dos próprios alunos.

As turmas dos primeiros anos, foram destinadas a produção dos materiais didáticos e execução das entrevistas, enquanto as turmas de terceiro ano, foram propostas a aplicação dos materiais produzidos, assim como, os alunos das referidas turmas, foram entrevistados acerca da temática principal do trabalho. Para aplicação e desenvolvimento do trabalho realizamos uma divisão de fases do projeto, para a melhor evolução e andamento do mesmo, sendo essas: 1. Conscientização histórica; 2. Explicação teórica; 3. Apresentação do projeto; 4. Desenvolvimento; 5. Entrevistas; 6. Culminância do projeto.

O início da aplicação do projeto é composto do **processo de conscientização histórica**, realizado nas turmas de primeiro ano, por meio de aulas expositivas, vinculadas ao conteúdo proposto pela BNCC intitulado: “A expansão imperialista no século XIX: etnocentrismo, racismo e darwinismo social”. Que busca trabalhar, o desenvolvimento do imperialismo no mundo, a divisão do continente africano na conferência de Berlim e suas consequências ideológicas como a propagação do etnocentrismo, como justificativa para a exploração dos recursos naturais desse continente, assim como, dos seres humanos que ali habitavam, busca também a conceituação das teorias do darwinismo social e do racismo científico, que procurava trazer uma justificativa e experimentos científicos que pudessem comprovar por meio da ciência a inferioridade da raça negra, e também, das mestiçagens advinda dessa raça.

Para o andamento do trabalho também realizamos uma **explicação teórica**, essa feita por meio de pesquisas realizadas pelos próprios alunos do primeiro ano e orientada pela docente responsável pela disciplina história, onde os mesmos puderam ter acesso a dados e informações referente ao racismo presente em nossa sociedade atual, assim como, relatos de pessoas que sofreram, e ainda sofrem, racismo, contemporaneamente, e principalmente, os meios para não

se propagar e se combater o racismo estrutural existente em nossa sociedade. Foram realizadas rodas de conversas, onde os alunos puderam expor suas pesquisas e experiências durante a realização delas, suas dúvidas e angústias diante da pesquisa desenvolvida, foram instigados e incentivados a compartilhar seus pensamentos e anseios diante da temática trabalhada. Foi-lhes apresentado nessa fase, o conceito de estética negra, a qual os mesmos realizaram a associação ao principal elemento alvo de preconceito, discriminação e racismo.

Logo em seguida realizamos a **apresentação do projeto**, as turmas do primeiro ano, foram divididas em equipes, para que cada uma delas a partir de suas pesquisas realizadas, e dos debates travados em sala, pudessem desenvolver um vídeo documentário referente a estética negra, valorização, e conscientização social. O qual seria apresentado para as turmas do terceiro ano do ensino médio, vinculado ao componente curricular proposto pela BNCC intitulado: “A construção do Brasil”, o qual trabalha a chegada e presença dos portugueses no território brasileiro, como também, o desenvolvimento econômico a partir da participação e exploração da mão de obra escrava, seus anseios e resistência ao processo de escravidão e as consequências desses processos para nossa sociedade contemporânea.

Já na fase do **Desenvolvimento**, caberia aos alunos do primeiro ano do ensino médio a produção dos vídeos documentários, referentes a estética negra, além disso, a apresentação para as turmas do terceiro ano, as quais foram orientadas a contribuir e avaliarem o trabalho dos colegas, que puderam relatar um pouco de suas experiências durante o processo de pesquisa, construção e produção dos vídeos documentários. Essa fase foi muito proveitosa, pois a troca de experiência entre eles foi intensa, conversaram e fizeram relatos de falas e atitudes que até então julgavam ser apenas “brincadeiras”, e que a partir do trabalho dos colegas puderam perceber a gravidade e influência que poderia ter na vida do outro.

Com as **Entrevistas**, buscamos ter um maior acesso a fala e ideias dos discentes em relação ao assunto tratado, suas conclusões e conhecimentos referentes a estética negra. Para isso, foi aplicado um formulário de entrevista composto de questões de identificação pessoal contendo os elementos: nome, idade, gênero e etnia, porém, no momento da entrevista, era colocado ao entrevistado que se não se sentisse à vontade não precisaria se identificar, foi organizado uma lista anexa as entrevistas a qual os alunos participantes assinaram, comprovando sua participação, sem vincular seu nome ao seu formulário de entrevista.

As perguntas das entrevistas foram formuladas pelos alunos dos primeiros anos, e destinadas aos alunos dos terceiros, foram elaboradas 4 (quatro) perguntas abertas, sendo elas:

1. Qual sua opinião/visão sobre a estética negra?
2. Você tem contato com elementos da estética negra? Se sim quais?
3. Você consegue observar uma valorização da estética/ cultura negra na sociedade em que vivemos? Justifique
4. Você acha importante que haja aulas temáticas sobre cultura e estética negra nas escolas? Por quê?

As turmas dos primeiros anos foram divididas e organizadas para se dirigirem a turmas específicas do terceiro ano e executarem as entrevistas, para isso, foi utilizado os horários de aula de história dos primeiros anos e conversado e pedido a contribuição de outros professores que estavam presentes nas turmas dos terceiros anos, para que cedessem alguns minutos de suas aulas para a realização da entrevista.

Como colocado anteriormente, foram entrevistadas três turmas de terceiro ano. Na turma 1 (um), participaram 38 alunos, na turma 2 (dois) 30 alunos e na turma 3 (três) 32 alunos, totalizando 100 alunos participantes do feedback do projeto aplicado. Nem todos os alunos que participaram do projeto e da produção e exibição dos materiais tiveram a oportunidade de participar das entrevistas por meio dos formulários, assim como, alguns alunos que não estavam em sala no dia da apresentação dos vídeos documentários, participaram das entrevistas.

Porém, acreditamos que o quantitativo de 100 (cem) alunos, seja significativo para obtermos um posicionamento relevante das turmas do terceiro ano do ensino médio da escola Dom Bosco. Desse modo, a análise dos dados fora baseada nesse quantitativo.

A **culminância do projeto**, foi concretizada a partir da análise dos dados das entrevistas realizadas. Cada turma de primeiro ano fez a coleta e análise das respostas dos alunos do terceiro, onde podemos debater e registrar as respostas e posicionamentos dos alunos em relação aos questionamentos feitos sobre a temática da estética negra, em nossa sociedade, de modo quantitativo e qualitativo, as análises foram feitas levando em consideração cada turma de modo individualizado e as turmas de terceiro ano em geral.

3.2 Das entrevistas e o Feedback discente

Como colocados anteriormente, foram entrevistados cem alunos, com a faixa etária entre 16 e 18 anos de idade, sendo 41 alunos do sexo masculino e 49 alunas do sexo feminino, e 3 alunos marcaram o elemento “outros” e 7 alunos não quiseram se identificar quanto ao seu gênero. Em relação a identificação étnica, os alunos do primeiro ano, relataram que em quase

todas as entrevistas, os entrevistados possuíam uma dúvida ou falta de segurança ao tentar se identificar etnicamente, precisando de ajuda e explicação sobre esse elemento, alguns alunos alegaram nunca terem sido questionados e/ou parado para pensar sobre isso, desse modo, os alunos do primeiro ano, tiveram que explicar, e os mesmos foram instruídos para isso, para alguns alunos do terceiro ano as questões de identificação étnica. Desse modo, 49 alunos entrevistados se identificaram como pardos, sendo essa a resposta da maioria dos entrevistados que apresentaram alguma dúvida em relação a sua identificação étnica. Por seguinte, 29 alunos se identificaram como brancos, 9 se reconheceram negros, 3 amarelos e apenas 1 marcou indígena. Nove alunos, apesar da explicação recebida, permaneceram sem conseguir se identificar etnicamente, por esse motivo, não assinalaram nenhum item no elemento etnia.

Para além da identificação pessoal dos alunos, fizemos também uma análise das entrevistas, sendo estas de forma coletiva, levando em consideração todas as turmas do terceiro ano as quais foram entrevistadas, e apresentado de forma mais ampla e quantitativa os posicionamentos das turmas, e de forma individualizada, colhendo e relatando as respostas de cada uma das turmas entrevistadas nessa pesquisa, para que assim, possamos ter acesso mais detalhado da ótica e percepção da opinião dos discentes em relação ao assunto abordado nas entrevistas: a estética negra em nossa sociedade. Gerando uma análise qualitativa da mesma.

A partir do exame das respostas apresentadas nos formulários, podemos chegar as seguintes conclusões. Todos os alunos entrevistados dizem ter uma visão positiva em relação a estética negra, mesmo alguns parecendo confusos em suas afirmativas, 67% dizem ter contato com elementos da estética negra, enquanto 27% alegam não ter, 6% apresentam dúvidas em relação a esse questionamento, dizem ter “mais ou menos” contato com esse tipo de estética. Em relação a terceira pergunta, sobre a valorização da estética negra em nossa sociedade, 65% conseguem observar uma valorização da estética negra na sociedade em que vivemos, já 30% não consegue observar essa valorização e 5% observam essa valorização, porém, com algumas ressalvas. Enquanto a importância das aulas com a temática “estética negra” 95% acredita ser relevante para a educação e formação dos estudantes, enquanto 5% não acham importante.

A fim de conseguirmos análise de forma mais densa as respostas dos alunos do terceiro ano da escola Dom Bosco, em relação a ótica que os mesmos têm relativo à questão da estética negra em nossa sociedade, realizamos uma exposição individual por turma, das respostas apresentadas nas entrevistas. A primeira turma a ser ponderada, será a turma 301, do turno

matutino, está turma não possui desistências, e a maior parte dos discentes são bem frequentes e participativos, dessa turma 38 alunos se fizeram presentes e atuantes na pesquisa.

Em relação a visão que os alunos dessa turma tem sobre a estética negra, a maior parte apresenta uma visão positiva, percebendo a mesma como algo importante para a valorização e reconhecimento identitário, e que vem ganhando força a partir do auto reconhecimento, porém, alguns reconhecem que nossa sociedade não vê a estética negra como algo belo, e outros revelam que nem sempre acham algo bonito nesse tipo de estética, reconhecem que alguns elementos são exagerados, ou coloridos demais, alguns veem a estética negra como uma forma de resistência, outros relatam como uma estética sexualizada, principalmente a feminina, “vista como uma atração”, referência de beleza exótica. Nessa turma, foi muito recorrente eles responderem que não tinham conhecimento para opinar sobre o assunto, se abstendo de apresentarem suas opiniões, ou alegando não ter uma opinião formada, mesmo estando em meio a produção de trabalhos vinculados a temática negra, e com a apresentação e debates com as turmas do primeiro ano, muitos discentes dessa turma não se sentiram seguros para opinar, ou emitir suas opiniões sobre o assunto.

Já referente a segunda pergunta, dos 38 alunos, 25 responderam que sim, que tem contato com a estética negra, alguns se reconhecem como negros e reconhecem em si mesmo características da estética negra, se sentindo orgulhosos de suas características e sua cultura manifestada na mesma, outros percebem em seus familiares e amigos, principalmente em seus cabelos e roupas, aqui alguns alunos acabaram confundindo a estética negra com a cultura negra, pois dão exemplo na música e culinária negra como elemento estético o qual eles teriam contato. Alguns alunos, alegarão terem contato com a estética negra, por meio de filmes. E 13 pessoas alegam não ter contato algum com a estética negra, mesmo tendo colegas de sala e professores negros, o que nos faz perceber o quanto essa percepção é sensível, pois, apesar da convivência com pessoas que nitidamente carregam elementos estéticos referentes a negritude, como cabelos com tranças, dread e enrolados, peles negras entre outros, não reconhecem nos seus próximos elementos estéticos negros.

Já referente a terceira pergunta: “Você consegue observar uma valorização da estética negra na sociedade em que vivemos? Justifique.” Vinte e quatro, alunos conseguem observar a valorização da estética negra em nossa sociedade, por meio de pessoas negra que recebem reconhecimento e visibilidade, como modelos negros em campanhas publicitárias, cantores e atores de destaque em meios televisivos e autores e escritores que se encontram em evidência.

Outros ambientes que também recebem ênfase para esse reconhecimento, são as escolas, que segundo os alunos, procuram valorizar a cultura e estética negra sobretudo, no período do mês de novembro, por ser o mês da consciência negra. Esses discentes, relatam ainda, que para eles essa valorização, deveria ser durante todo o ano, mas ter um mês que seja dedicado a essa temática já é um avanço para nossa sociedade tentar sanar de alguma forma a invisibilidade da população negra, também destacam os artistas negros que dão mais visibilidade a estética e cultura dos povos escravizados. No entanto, alguns alunos mesmo enxergando uma valorização, percebem que ainda existe muita discriminação, mas não como antes. Um exemplo que aparece muito nas falas, são as mulheres que passam por transição capilar, termos que segundo eles nem se ouvia falar, tranças também é um elemento estético que aparece bastante na fala dos alunos, e que segundo eles é muito valorizada e considerado bonito esteticamente em meio a juventude.

Já para 14 alunos da turma 301, acreditam que não há uma valorização da estética negra em nossa sociedade, por conta dos preconceitos e das desigualdades existentes na mesma, também observam que, apesar da estética negra se encontrar mais presentes em nosso meio é inferiorizada, devido uma sociedade racista, que vê a estética negra como “exagerada demais” e/ou “chamativo”. E ainda ocorreu de alguns alunos entrevistados, que responderam que não acham que a estética negra seja valorizada, não conseguiram argumentar para defender sua percepção de não valorização de determinada estética.

Quanto a quarta pergunta, 36 alunos, acham importante trabalhar essa temática nas escolas, e destacam que não apenas essa, mas outras temáticas que possam contribuir para a diminuição do preconceito, e falam da importância de lembrar a história da população negra, assim como sua cultura, alguns ainda, alegam não terem conhecimento sobre o tema e se declararam interessados em saber mais, acreditam que esse tipo de aula pode contribuir para formar pessoas mais respeitadas e menos preconceituosas e que ajudam o jovem a se conscientizar, já que para eles, se sabe muito pouco sobre a estética negra, e entendem que a população negra faz parte da história da formação do nosso país, pois veem essas aulas como um primeiro passo para a construção de uma sociedade mais igualitária, e para a posituação da imagem das populações afro descendentes, dando assim mais visibilidade ao negro sua cultura e estética.

Apenas dois alunos da referida turma, não consideraram importante aulas com essa temática, um usou como justificativa que aulas assim seriam “favoritismo a uma etnia” e que nossa sociedade tem muitas culturas e raças, então, “por que estudar apenas a cultura negra?”

Questionou o (a) aluno (a). E outro aluno que também respondeu não considerar importante esse tipo de aula, não justificou, colocou apenas “não”. Esses alunos, não levaram em consideração o quanto nossa educação é voltada para a história e cultura europeia, e que na verdade a cultura que recebe algum “favoritismo”, na verdade é a cultura de nossos colonizadores que ainda é majoritariamente encontrada em nossas currículos escolares e que circunda nossa educação, de tal modo, que é absorvida como nossa cultura, como a cultura verdadeira a qual fazemos parte, ou até mesmo como a principal de todas as culturas, sem causar incômodos por aparecer e por estar em destaque em relação as demais culturas existentes em nossa sociedade.

O processo de reflexão acerca das culturas e etnias que formam nossa sociedade, tem por objetivo gerar a valorização e positividade da imagem do negro, assim como, a presente pesquisa consiste em fazer com os alunos reflitam sobre a estética negra e a sua valorização na sociedade, tendo a escola como viés que possibilita a discussão dessa temática, dessa forma, os estudantes responderam os questionários a partir de suas percepções e vivências sobre estética negra e seus significados.

A segunda turma a participar da pesquisa, foi a turma nomeada de 302, nessa turma apenas 29 alunos com faixa etária entre 16 e 17 anos responderam os questionários. Essa turma também é do turno matutino, porém, no dia da aplicação dos questionários poucos alunos estavam presentes devido à ausência de transporte escolar.

A primeira pergunta respondida pelos alunos no referido questionário: “Qual a sua opinião/visão sobre a estética negra?” que tem por objetivo coletar a opinião dos alunos em relação a imagem que o negro tem em nossa sociedade, e como ele é visto em relação as suas características. Todos os 29 alunos, apresentaram visões consideradas positivas em relação a estética negra, de um modo geral, porém, alguns não consideraram explicar e/ou explicam de forma equivocada o que seria a estética negra, misturando ou não mostrando clareza em diferenciar, estética negra, de cultura negra, de características sociais do povo negro.

Na segunda pergunta, “Você tem contato com elementos da estética negra? Se sim quais?” Essa pergunta, tem como objetivo investigar qual o nível de contato que os estudantes têm com elementos que compõem a estética negra, assim como, observar se eles conseguem reconhecê-los como elementos que compõem uma identidade cultural. Nessa questão, 21 alunos confirmaram que possuem contato com elementos que compõem a estética negra, enquanto 8 declararam não ter contato, alguns dos estudantes que declararam ter contato com esses elementos citaram como exemplo a culinária e a dança, reforçando a ausência de percepção

relativa ao elemento estética. A maior parte dos estudantes que responderam que tiveram contato com elementos da estética negra, são do sexo feminino, e esse contato se deu por meio do cabelo e principalmente das tranças, que foi em muitos momentos citado de maneira agradável por elas e como algo que pode ser considerado que esteja em alta no que se refere a moda em geral.

Ainda como análise das respostas da questão dois, três alunos que responderam “não ter contato com elementos da estética negra” mesmo apresentando a pele de coloração mais escura, e ainda na parte de identificação do questionário marcaram como sendo de etnia parda e branca, não se reconhecendo como pertencente a etnia negra. Mesmo tendo contato com professores e alunos negros na referida escola, a qual estudam, que usam elementos que caracterizam e valorizam a cultura negra como estampas, cabelos cacheados ou com dreads e tranças, alguns desses alunos não entendem esses elementos como características de uma etnia específica, tampouco como elementos estéticos de afirmação e valorização de determinada cultura, minimizando de maneira indireta toda a história que esses elementos carregam.

Na terceira pergunta foi questionado se “Você consegue observar uma valorização da estética/cultura negra na sociedade em que vivemos? Justifique.” 17 alunos responderam que observam essa valorização, ao mesmo tempo que 7 responderam que não observam essa valorização e 5 alunos responderam “mais ou menos”. A maior parte dos alunos que responderem que sim, que veem essa valorização, fazem uma comparação com “antigamente”, onde, segundo eles, era bem pior, a discriminação era mais as claras e mais intensa, o preconceito era maior, e as pessoas não se preocupavam em falar ou debater sobre racismo, então para eles hoje ter um espaço para debate, o racismo ser considerado crime, as pessoas poderem falar sobre sua cultura, religião e estética, já pode ser considerado um avanço e valorização.

Os alunos que responderam que não conseguiam ver a valorização da estética negra como algo presente na sociedade, explicaram que percebem essa manifestação muito mais como um modo de resistência, que a população negra usa sua estética e cultura como forma de se impor e de manifestar presença em nossa sociedade, e que tal manifestação vem ganhando espaço e se impondo ao longo dos anos na sociedade. Ressaltaram que mesmo a sociedade já tendo passado por muitos avanços no que diz respeito ao preconceito sobre aquilo que é considerado “belo”, esses alunos, ressaltam que ainda há muito a ser feito para que a valorização da estética negra, e para que a mesma possa ser efetiva e devidamente valorizada em nossa sociedade.

A quarta pergunta foi: “Você acha importante que haja aulas temáticas sobre cultura e estética negra nas escolas? Por quê?”. Vinte e seis dos vinte e nove alunos responderam que achavam importante falar sobre estética negra nas escolas, e que isso pode reduzir o preconceito nessas instituições e por colocar em prática uma legislação, que obriga o ensino de história e cultura africana em sala de aula, que segundo eles ainda é ignorada por muitos professores. Eles alegam ainda, que pessoas que querem usar elementos da estética negra, ainda são discriminadas e sofrem preconceito, porém, mesmo assim, usam esses elementos como forma de expressão e luta diária contra os preconceitos.

É importante observar, que em dois dos questionários aplicados, os discentes responderam não ser importante a escola debater essa temática, os alunos alegaram que não seria essa a função da escola e que esse tipo de discussão, faz com que a escola fuja de seu objetivo, e que esse tipo de debate não tem a ver com o que escola se propõe. Alguns alunos, sobretudo quando chegam ao terceiro ano do ensino médio, ainda permanecem com a ideia de que o objetivo da escola é fazer com que eles consigam passar no vestibular e alcançar a tão sonhada vaga em uma universidade, esquecendo que a real e mais nobre função da escola é formar cidadãos, não para as universidades ou para o mercado de trabalho, mas para nossa sociedade. Que cidadãos e que sociedade estaria sendo formada, no momento que deixamos de lado os debates sobre as questões étnico raciais? Mas do que falar e trazer para pauta educacional a figura do negro e seu papel em nossa sociedade, é função da escola elucidar e formar pessoas conscientes de nossa construção social e étnica. Um dos alunos, o qual respondeu que a discussão dessa temática não é importante na sala de aula, não colocou nenhuma justificativa para sua resposta, deixando em aberto sua opinião sobre a temática.

Prosseguindo o processo de análise dos questionários das turmas entrevistadas, a última turma a ser analisada é a turma que recebe a nomenclatura de 303, é o único terceiro ano do turno vespertino da escola Dom Bosco, a turma tem um número significativo de faltosos e desistentes, o que fez com que nessa turma tivéssemos apenas 30 participantes nas entrevistas, desses entrevistados estão discentes entre 16 e 18 anos de idade.

Em relação primeira pergunta, todas as respostas apresentam uma visão positiva em relação a estética negra. No entanto, alguns se manifestam indiferente com a fala: “Pra mim tanto faz”, como se não existisse uma estética diferente uma da outra, ou como se nunca tivessem parado para pensar sobre isso, pois, para eles isso não parece importante ou relevante para as pessoas negras ou mesmo para nossa sociedade, ou ainda, alguns apresentam uma visão da estética negra como algo exótico, diferente, peculiar das demais estéticas que seriam as

consideradas “normais”. A estética negra, ainda é vista em nossa sociedade como a fora da normalidade, a fora dos padrões estéticos impostos por nosso processo colonial. Perceber, debater, colocar em pauta essa temática, se mostra necessário ao ambiente escolar, pois, a percepção da estética negra em meio aos discentes ainda parece distorcida.

Na segunda pergunta, 20 alunos declararam ter contato com a estética negra, porém, nessa turma, esse contato sempre aparece de maneira externa em parentes ou amigos, poucos se reconhecem ou enxergam em si mesmos elementos e/ou características negras. Quatro alunos se mostram seguros em afirmar que não tem contato com a estética negra, enquanto 6 se mostram inseguros ao declarar não terem esse contato, pois, relatam terem parentes e amigos com elementos e características negras, mostrando assim, dúvidas sobre seu próprio entendimento sobre estética negra.

Em relação a pergunta número três, 21 alunos alegam perceber uma valorização da estética negra, principalmente quando fazem uma comparação com outros períodos da história, onde a população negra era segregada, marginalizada, mas assumem que ainda temos muito o que avançar nessa discussão. Relatam também, que percebem essa valorização por meio dos trabalhos e projetos desenvolvidos pela escola, e que anteriormente não eram desenvolvidos ou percebidos pelos mesmos, esses grupo de alunos relatam ainda que, observam essa valorização, em seu dia-a-dia, por meio de um maior número de pessoas com elementos ligados a estética negra, pessoas com tranças, e turbantes, cabelos cada vez mais cacheados e crespos, por exemplo, evidenciando a necessidade de tomada de um espaço cada vez maior da estética negra na sociedade e por consequência sua valorização.

Quanto ao restante dos alunos, nove deles relataram que não percebem uma valorização da cultura e da estética negra na sociedade, o que faz, segundo relatos deles, com que não assumam ou não se reconheçam nessa etnia, relatam que preferem modificar suas características, e as vezes se envergonham delas, por ainda observarem discriminação e preconceito, por essas mesmas não serem consideradas belas pelo meio o qual convivem. Um deles, ainda destaca a área do mercado de trabalho, que em alguns casos não aceitam algumas características físicas negras, e as veem como um estilo pessoal, e não como uma construção coletiva, elementos de sua característica física própria ou elemento de resistência, mas como tendência escolhida, usado inclusive por pessoas com pele de coloração mais clara ou não negras, sem levar em consideração a questão da identificação com um grupo. Outros relatam um estranhamento com o uso de tranças como por exemplo, meninas que já foram questionadas quanto a higiene de seus cabelos trançados.

Quanto a quarta questão, todos os alunos dessa turma, acham importante ter aulas temáticas sobre cultura e estética negra, por acreditarem ser um assunto que não deve ser ignorado na sociedade, e deve ser trabalhado entre os jovens, para que tenham uma conscientização maior em relação a estética negra, e com isso uma modificação no olhar da sociedade sobre a pessoa e a cultura negra de um modo geral, respeitando a imagem do outro, e em alguns casos a sua própria existência. Alguns alunos relataram também, que existem casos de racismo na escola, e que acreditam que essas aulas poderiam auxiliar a diminuir esses casos. Outros alunos, ao afirmarem que se reconhecem enquanto pessoas negras, veem nessas aulas uma oportunidade de expressarem sua cultura, etnia e descendência, também ampliar seus conhecimentos sobre sua etnia por meio de sua estética.

Portanto, por meio das falas dos alunos coletadas através de entrevistas, podemos ter uma percepção acerca de uma ótica juvenil sobre as questões que permeiam a estética negra em nosso meio social, e a relevância de se colocar em debate esse tema no ambiente escolar e de como tal discursão ainda tem muito a ser explorada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, percebemos que as dificuldades em se trabalhar as questões étnico raciais em ambiente escolar são notórias, porém, as mesmas também são superáveis. Por meio deste trabalho, oferecer uma alternativa de execução da lei 10.639/03 no ambiente escolar, destacando resultados e mudanças acerca do conhecimento e acesso ao ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, dando enfoque a estética negra como cultura de resistência atemporal, temática que põem em discussão a própria concepção identitária nacional.

Colocar em prática a lei destacada aqui, proporciona a garantia do direito e o reconhecimento da diversidade da composição da sociedade brasileira, e a segurança de inserção da história de uma parcela da população brasileira, ou seja, o povo negro, nos currículos escolares. A alteração ocorrida na LDB em 2003, provocou uma série de transformações emblemáticas, levando em consideração que muitas crianças sofriam preconceitos e discriminações acerca de sua cor ou etnia e não tinham como se resguardar, ou mesmo, fazendo com que crianças negras não se aceitassem e/ou tivessem vergonha de suas características físicas (Coelho, 2005, p. 37).

Segundo o autor André Filgueira (2021), o processo educacional ignora as múltiplas culturas existentes no ambiente escolar, dessa forma, negamos corpos pretos, suas culturas e saberes concomitantemente, muitos desses discentes negros não se identificam com o processo educacional e seus conteúdos propostos, tornando a escola um espaço arredo, contraproducente, negativo, conduzindo muitas vezes a uma baixa produtividade escolar. O tratamento negativo por parte dos colegas, que por muitas vezes é considerado irrelevante ou tratado como coisa de criança ou do corpo educacional da escola, que muitas vezes considera tal tratamento não significativo ou não sabe como lidar com tal situação, pode ser decisivo para o desempenho de uma criança negra dentro do ambiente escolar, que ao invés de valorizar as multiplicidades existentes em nossa sociedade, e dentro das escolas, busca homogeneizar, conhecimento, pensamentos, aparências (Filgueira, 2021).

Neste contexto, sugerir conteúdos e diferentes práticas docentes em um núcleo intelectual contemporâneo que produza por meio da educação a valorização da diversidade cultural, mantendo um generoso debate social, que expressa o impacto em relação a um conjunto de ações psicopedagógicas lúdicas, multidisciplinares e a realização de oficinas educacionais, se mostram imprescindíveis. Essas ações terão como finalidade trazer aspectos e características culturais e físicas do povo africano escravizado, como formas de resistência ao

processo colonizador, ligando-as ao conteúdo apresentado e amadurecendo a criticidade e as capacitações humanas em sua totalidade.

Assim, apresentar a história africana e de seu povo, juntamente com suas culturas e estética como formas de resistir ao processo de escravidão, gera uma nova consciência histórica consequentemente, social e racial, além de promover uma sociedade mais igualitária e consciente de sua formação étnica. Para isso, é necessária uma consciência crítica, acerca da formação histórica da sociedade brasileira, assim como, o saber histórico em relação as etnias que influenciaram para a desenvolvimento social e étnico brasileiro, conhecimento esse, que não deve se restringir a chegada da população africana ao território brasileiro, pois assim, condiciona-se o negro a situação de escravidão, como se o mesmo tivesse a sua gênese à essa condição.

Poder contribuir de alguma forma para a desconstrução dessa imagem distorcida da população negra, poder proporcionar de alguma forma a valorização da estética desse povo, poder esclarecer e lucidar seus percalços e caminhos até aqui, torna válido os exercícios executados nesse trabalho, que busca de forma pretenciosa, por meio da educação uma alteração no meio escolar e social o qual se faz parte, e quem sabe reverberar para outros meios o qual possa contribuir de alguma forma para uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **A Construção Social da Cor: Diferenças e desigualdades na formação da sociedade brasileira.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BARBOSA, Erly Guedes & SILVA, Silvano Alves Bezerra. **Mulheres invisíveis: a imagem da mulher negra no jornalismo de revista feminino brasileiro.** Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - São Luís - MA, Jan/Dez de 2009 - Ano XIX - Nº 5 - Vol. I.

BERGMANN, Klaus. **A história na reflexão didática.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, nº19, set. 89/fev.90, p. 29-42.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BERNARDINO Costa, Joaze & Grosfoguel, Ramón (2016) **“Decolonialidade e Perspectiva Negra”.** Sociedade e Estado, vol.31, n,pp.15-24.<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>

BRANCO, Juliene Dias Castelo. **Entre tranças e turbantes: Análise de uma experiência decolonial em sala de aula.** No prelo

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** 10.639/2003. Governo Federal. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/L10.639>> 27 de Jan. de 2017.

BRASIL. Medida Provisória no 746, de 22 de setembro de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº1.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 de set. 2016.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Do epistemicídio.** In: *A construção do outro como não ser como fundamento do ser.* Feusp, 2005. (tese de doutorado) <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-costruc3a7c3a3o-do-outro-comonc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>

CAVALLEIRO, Eliane. (Org.) **Racismo e antirracismo na educação; repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 83-96.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporâneo.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2011. p.7-128

COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **O ensino de História e os desafios da diversidade: a conformação da consciência histórica nos processos de implementação da lei nº 10.639/2003.** In: ROCHA, Helenice; COTIJO, Rebeca; Eti ali. (Org). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado.* Led. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.p. 283-303.

COELHO, Wilma de Nazaré Baia. **A cor ausente: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores** - Pará, 1970 1989. 2005. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005

COUTINHO, Cassi Landi Reis. **A estética negra em Salvador (1996-2005)**. ANPUH -XXV Simpósio Nacional de História-Fortaleza, 2009.

COUTINHO, Cassi Landi Reis. **Estética negra: o jornal como fonte de pesquisa**. UEBA, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: Uma breve reconstrução histórica**. Revista de Ciências Sociais, Londrina, v.10, n.1, p.25-40, jan-jun. 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: História, tendências e dilemas contemporâneos**. Revista de história da UFPE. Sergipe: História UFPE, 2008.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

FANON, Frantz. **O negro e a linguagem**. In: *Pele negras, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Oswald. **A década que mudou tudo**. Revista raça. São Paulo, Editora Símbolo, nº 26, ano 3, out. 1998, pp. 50-52.p.51

FÉLIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom. Cabelo ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula**. Revista África e Africanidades – Ano 3 – n. 11 novembro de 2010 Seminário Interdisciplinar de Pesquisa – UNEB – Universidade do Estado da Bahia, 2010. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br.

FERREIRA, Ivonne e NASCIMENTO, Carla. **A magia dos turbantes**. Visual da raça, São Paulo, Editora Símbolo, nº 12, ano 2, 1998, pp.22-25

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. **Pedagogia Preto-diaspórica: uma etnografia ético-filosófica do corpo deseducado**. In: *Corpo, corporeidade e diversidade na educação*. Uberlândia: Culturatrix, 2021.

FREITAS, Geisiane de Souza. **Cabelo crespo e mulher negra: A relação entre o cabelo e a construção da identidade negra**. UFRPE, 2018.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **A Recepção da instituição da ação afirmativa pelo direito constitucional brasileiro**. In: SALES, Augusto dos Santos (org). *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. MEC/ SECD, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e pesquisa, São Paulo. V.29, n1,p.167-182, jan/jun, 2003.

GOMES, Nilma L. (2002). **Educação e Identidade Negra.** *Aletria: Revista De Estudos De Literatura*, 9, 38–47. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9.38-47>

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Belo Horizonte: editora UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **“Escolarizando homens negros”** Tradução Alan Augusto Ribeiro e Keisha-Khan Y. Perry. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 23 (3): 406, Setembro-dezembro/ 2015. <https://periódicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41784/30373>

KRAUSS, Juliana Souza. ROSA, Júlio César da. **A importância da temática de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas.** Dissertação de Mestrado, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 857-878 Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses> > 20 de fev 2017.

INOCÊNCIO, Nelson Olokojá. **Corpo negro na cultura visual brasileira. Educação Africanidades Brasil**, v.1, Brasília: CEAD, 2006.

JUNIOR, Renato Nogueira dos Santos. **“Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado.”** *Revista africa e africanidades – Ano 3 n11*, 2010.

LAURENT, Pierre Joseph. **Belezas imaginárias: Antropologia do corpo e do parentesco.** São Paulo, Ideias e letras, 2013.

LAVILLE, Christian. **A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História:** *Revista Brasileira de História* v.19, n.38, São Paulo, 1999, p. 125-138.

LODY, Raul Giovanni. **Cabelos de axé: identidade e resistência.** Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004.

MACEDO, Mário J de. **“Quero uma nega de cabelo duro”.** São Paulo: Disponível em: www.afirma.inf.br

MARTINS, Estevão de Rezende. *Consciência Histórica.* In: FERREIRA, Marieta de M, OLIVEIRA, Margarida M D de. (org). **Dicionário de ensino de história.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019

MATHEUS, Leticia. **Memória e identidade segundo Candau.** *Revista Galáxia*, São Paulo, n.22, p.302-306, dez. 2011

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **Estética Afro-Diáspórica e empoderamento crespo.** Disponível em [file://C:/Users/andre/Downloads/2164-5784-2-PB%20\(2\).pdf](file://C:/Users/andre/Downloads/2164-5784-2-PB%20(2).pdf) Acesso em 30/01/2021

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil**. In: Brasil, G. M.N.; Adão, J.M.; Ramos, M. N. (Coords). *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a identidade e o ensino de História da Africanas escolas brasileiras**. Revista História Hoje, v.1, p.29-44, 2012.

PAIXÃO, Marli Madalena Estrela. **Uma rosa para meus cabelos crespos: experiência estética e política da imagem**. UFMA, 2008.

PAVARINA, Leticia. **Estética negra: representação e resistência online**. In: 13º Mundos de mulheres & fazendo gênero 11. Transformações, conexões, deslocamentos, 2017. Anais... Florianópolis-SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017, p. 1-5. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499546864_ARQUIVO_Textocompleto.pdf. Acesso em: 20 abril 2021.

QUIJANO, Anibal (1995) **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: **Edgardo Lander (org.) A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino americanas. Buenos Aires: Clacso, p. 227-278. http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursu/20100624103322/12_QUIJANO.pdf.

RAMOS, L.L.V.; RODRIGUES, F.G., **Mídia e preconceito em propagandas: um panorama sobre a propagação de estereótipos e discriminação contra negros(as) pelos meios de comunicação**, In: RODRIGUES, G.F.; OLIVEIRA, C.C.; NASCIMENTO, J.G. (Orgs.), Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012, p. 132-142.

RUSEN, Jorn. **Didática- funções do saber histórico**. In: *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: editora da universidade de Brasília. 2007, p. 85-133.

SANTANA, Bianca. **Mulher, Cabelo e Mídia**. São Paulo, Revista Comunicare – Dossiê Feminino, 2014.

SAID, Eduard W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SANTOS, Maricélia dos. **Estética Negra: Um Estudo Contemporâneo sobre O Cabelo da Mulher Negra na Serra do Cajueiro** – Florânia – RN. Rio Grande do Norte, 2016

SANTOS JÚNIOR, Renato Nogueira dos. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e africanidades- ano 3 – n.11, novembro, 2010.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Racismo a brasileira**. In: SCHWARCZ, L. M. (org.) História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. Cia das Letras, São Paulo, 1998, p.70-116.

SILVA, Cláudia Nunes da. **O teu cabelo não nega! Estética, simbolismo e afirmação de identidade**. UFMA, 2007.

SILVA, Patrícia da; SANTOS, Eleonora. **Estética negra: Vivência da identidade e negritude em mulheres negras sergipanas**. Revista eletrônica de ciências. Veredas Favip, ano10,v.7, nº 2, 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

ZAVALA, Ana. **Pensar ‘teoricamente’ la práctica de la enseñanza de la História**. Revista História Hoje, v.4, nº8, p.174- 196- 2015